ILUSTRAÇÃO

Pai, perdoai-lhes, não sabem o que fazem!

1-ABRIL-1936 | N.º 247 — 11.º ano | PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

À VENDA

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR **CARLOS MALHEIRO DIAS**

ÍNDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho — Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire — Tristão de Ataide — Plinio Salgado

1 volume brochado . . . **8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.ª edição actualisada
DE

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

DA **Biblioteca de Instrução Profissional**

pelo engenheiro **João Emílio dos Santos Segurado**

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gêssos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.

1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado em percalina **30$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ QUASI ESGOTADO

Almanaque Bertrand

para **1936**

37.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 págs., ornado de 407 gravuras, cartonado .... **10$00**
Encadernado luxuosamente .... **18$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES" e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS

Fachada dos Estabelecimentos da **Minerva Central** em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em **1907**

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212 — **End. Teleg. MINERVA**

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca**.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 247 — 11.º ANO
1 — ABRIL — 1936

ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

A Sociedade das Nações está em perigo de vida. Sofre do mal de descrença que dia a dia lhe tira as forças, conduzindo-a a uma perigosa anemia. Certos espíritos maldizentes vão talvez insinuar que a atmosfera húmida de Londres foi nefasta ao seu organismo delicado e combalido. Por nossa parte, não acreditamos.

A verdade, porém, é que a assembleia genebrina atravessa a crise mais grave da sua existência e isto antes de entrar na sua maioridade, que deveria verificar-se em 1939, dado que vinte anos de história agitada sejam suficientes para a sua emancipação.

De todos os sintomas alarmantes que o seu estado apresenta, o pior é, quanto a nós, a recente suspensão dos trabalhos do Conselho.

Quando em 1918, a ideia duma assembleia universal surgiu no espírito iluminado de Wilson e outros idealistas, o objectivo principal dêstes era pôr termo à política de alianças e à diplomacia secreta, substituindo a primeira pelo princípio de assistencia mutua e a segunda, pela publica discussão de todos os litígios internacionais.

A intenção não podia ser melhor. Mas na prática, a diplomacia secreta nunca foi totalmente exterminada, como preconizava o bom Presidente norte-americano, e a política de alianças continuou a ser a única realidade, sob o disfarce engenhoso dos argumentos jurídicos. Uma e outra continuaram a minar sob as cinzas do grande fogo que consumiu a Europa de 1914 a 1918.

Ora a suspensão da actividade do Conselho da S. D. N. foi justamente determinada pela impossibilidade de continuar dentro dos moldes da S. D. N. as negociações para resolução do problema criado pela remilitarização da Renánia. Este eclipse da assembleia de Genebra vem dar novos alentos à diplomacia secreta. E abalado por esta o princípio da segurança colectiva, as alianças tornar-se-ão mais reais do que nunca.

Aí está, pois, o grave perigo que ameaça a S. D. N.

■

A actual tensão diplomática provocada pela decisão de Hitler em violar os acôrdos de Locarno, veio provar com indesejável evidencia, que nas condições sociais presentes só há um meio de evitar a guerra .. e êsse consiste em fazer a guerra. Paradoxo cruel, que lembra uma ironia macabra do Destino a zombar dos esforços do Homem para se libertar da barbárie.

Com efeito, se uma nação ameaça as outras, violando as convenções e recusando submeter se à lei internacional, que outra arma pode ser empregada para a reduzir à obediência? Há as sanções. Mas no estado actual de crise económica, elas são uma arma de dois gumes, do difícil senão impossível maneio quando se trata de aplicá-las a uma potencia industrial como a Alemanha.

A única solução consistiria, portanto, no recurso à fôrça em nome do Direito. Isto quere dizer: guerra. Mesmo assim, não falta quem defenda esta solução, como recurso para evitar males maiores.

A dar crédito a certas informações a França estaria disposta a recorrer a êste meio, convencida como está de que mais tarde ou mais cêdo terá de sofrer a dura provação. Mas não foi acompanhada nêste ponto pela Inglaterra que permanece fiel ao velho hábito de vencer, negociando, que com tanto êxito têm aplicado nas diversas partes de que se compõe o seu Império.

E é só por êste facto, afirmam alguns comentadores da política internacional, que o canhão ainda não troa nas margens poéticas do Reno.

■

O Reno, onde agora se concentram as atenções augustiadas do mundo inteiro, é a fronteira natural de duas raças e duas civilizações. Assinala séculos de luta entre o mundo germânico e o mundo latino. E tudo parece indicar que o determinismo histórico se prepara para exercer uma vez mais a sua acção, com manifesto desprezo pelo sistema diplomático arquitectado pelos estadistas.

Vitoriosa em 1918, a França não deixou escapar a oportunidade de se precaver contra futuras investidas. Ergueu ao longo da sua fronteira um muro de cimento e aço, susceptível, nas condições presentes da técnica guerreira, para deter a mais poderosa invasão.

Os alemães não o ignoram. Sabem que essa linha lhes é praticamente intransponivel. Mas contam com a aviação. Atribue-se a Göring a seguinte frase:

— Os franceses contam com as suas fortificações mas não se lembram que saltaremos por cima delas...

Há talvez nestas palavras uma sinistra previsão da guerra futura. Tornadas invioláveis tôdas as fronteiras, as hostilidades acabarão por consistir apenas em bombardeamentos aéreos. E a guerra terá nêsse caso perdido a sua única, embora bárbara, justificação — a conquista e posse de territórios — para se transformar numa chacina de populações civis, horrível e sem objectivo.

Numa antologia recentemente publicada na Alemanha figura o célebre poema de Henri Heine «Die Lorelei». O leitor desprevenido ficará, por certo, surpreso ao notar que no lugar da assinatura vem indicado «autor desconhecido».

Julgará à primeira vista que se trata dum êrro involuntário. Nada disso. Heine foi judeu e como tal é renegado pelo racismo. O seu nome não deve macular um livro feito para ser lido por jovens arianos, absolutamente dolicocéfalos.

Depois de ler isto e mais duas ou três notícias sôbre o ódio aos negros na América do Norte e o fanatismo patriótico no Japão, sentimo-nos mais confortavelmente na nossa pele de latinos.

■

As recentes revelações sôbre a insuficiência dos efectivos militares britânicos causaram inquietação entre o povo inglês. Como se sabe, em Inglaterra não existe serviço militar obrigatório e teme-se a possibilidade de êle vir a ser estabelecido.

Um grande jornal inglês teve a idea de fazer um inquérito entre os seus leitores sôbre a seguinte questão: «Como aumentar os alistamentos no Exército de Sua Majestade?»

As respostas foram abundantes e cheias de fantasia. Ao contrário do que muita gente pensa, os ingleses são dotados dum engenho fertil. E assim, um propunha transformar as casernas em cidades-jardins. Outro preconizava que, para passeio, fossem fornecidos aos soldados, fatos à paisana feitos pelos melhores alfaiates londrinos. E finalmente, apareceu um a sugerir que se garantisse aos novos alistados que, fossem quais fossem as circunstâncias, nunca seriam obrigados a abandonar a cidade a cuja guarnição pertencessem.

■

O rei Eduardo VIII é um soberano moderno que não se contenta com o maquinal desempenho de funções que as tradições constitucionais inglesas lhe impõem.

Verificou-se isso ainda há pouco, quando durante a reunião do Conselho da S. D. N. e dos signatários dos acordos de Locarno, recebeu vários ministros estrangeiros em audiências, que não foram puramente protocolares.

Mas há mais. O soberano quere saber o que se passa no Parlamento e não se fia no que lhe dizem os ministros e os jornais. Assim, encarregou um amigo íntimo de assistir pessoalmente a tôdas as sessões e fornecer-lhe de hora a hora um relatório secreto. Um motociclista espera à porta do edifício e leva imediatamente o relatório ao local onde se encontra o soberano.

Dêste modo, Eduardo VIII consegue saber, sem perda de tempo, o que se diz na Câmara dos Comuns, e sobretudo, o que fica por dizer, que é por vezes o mais importante.

M. R.

Ecce Homo!

HÁ 19 SÉCULOS

O julgamento de Jesus Cristo

As atribulações de Pôncio Pilatos alto comissário de Tibério César

QUANDO Jesus compareceu perante Pilatos, êste preguntou-lhe:

— A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?

— O meu reino não é dêste Mundo — respondeu Jesus — se o fôsse, os meus soldados pelejariam pela minha libertação. O meu reino não é na Terra.

— Logo, tu és rei?

— Tu dizes que sou rei. Para isso nasci e para isso vim ao Mundo, a fim de dar testemunho da Verdade. Todo aquele que é da Verdade, ouve a minha voz.

— E o que é a Verdade? — preguntou Pilatos.

A isto, Jesus não respondeu.

O Pôncio procurava salvar Jesus das graves acusações que lhe faziam, e que o Sumo Sacerdote Caifaz apontava como provadas. Jesus era acusado de sedição contra Cesar, e blasfemara, dizendo que se deitassem abaixo o Sagrado Templo, êle o reedificaria em três dias. Era necessário, portanto, eliminar da sociedade um tão pernicioso elemento.

Tudo isto era muito grave. Pilatos, no entanto, cedendo às instâncias de sua mulher, a bondosa Claudia Prócula, tentava tudo para o salvar. Caudia mandára-lhe dizer ao Tribunal: "Não entres na questão dêste justo, porque num sonho muito sofri por causa dêle!»

Chegou a dizer aos acusadores que a sua consciência se revoltava contra a condenação de um inocente, e que, portanto, Jesus devia ser mandado em liberdade.

— Se não o condenas — rugiam os fariseus — iremos a Roma dizer a Cesar que proteges os seus mais ferozes inimigos!

Ante a ameaça, o Pôncio vacilou. Tentou acalmar a plebe amotinada, mandando açoitar o justo, mas nem assim amoleceu aqueles corações endurecidos. Como era uso soltar um preso por ocasião da Páscoa, tentou o derradeiro esfôrço, dando a escolher à multidão a libertação de Jesus ou a de Barrabás que era um salteador perigoso.

— Viva Barrabás! e morra Jesus! — ululava a plebe sequiosa de sangue.

Em face disto, Pilatos entregou o inocente aos seus algozes com a famosa declaração: "Daí lavo as minhas mãos.»

Foi então lavrada a seguinte sentença:

No ano 19 de Tiberio Cesar, imperador romano de todo o mundo, monarca invencivel; na Olimpíada 121 e na Eliada 24, e da criação do mundo, segundo o número e computamento dos hebreus, quatro vezes mil cento e oitenta e sete, da progénie do romano império, ano 73, e da libertação do cativeiro da Babilónia, ano 1207, sendo governador da Judeia, Quinto Servio; e o regimento e govêrno de Jerusalem, o presidente gratissimo Poncio Pilatos; regente da Baixa Galileia, Herodes Antipas; pontífice, o sumo sacerdócio Caifaz, Alis, Almad e Maqui, do Templo de Roboão, Anchabel, Franchino e Centauro, consules romanos, e a cidade de Jerusalem, Quinto Cornelio Sublima, e Sexto Pompílio Rusto: no mês de Nisan e dia 25.

Eu, Poncio Pilatos, aqui presidente do império romano, dentro do palácio da arqui-residencia, julgo, condeno, e sentenceio á morte a Jesus, chamado pela plebe Cristo Nazareno e de pátria galileu, homem sedioso da lei mosaica, contrário ao grande imperador Tibério Cesar. Determino e pronuncio por esta, que sua morte seja na cruz, fixado com cravos, segundo a usança dos reus, porque aqui, congregando e juntando muitos homens ricos e pobres não cessou de promover tumultos por toda a Judeia, fazendo-se filho de Deus, rei de Israel, ameaçando-os com a ruína de Jerusalem e do sacro templo, negando templo a Cesar, havendo tido ainda o atrevimento de entrar com ramos e triunfo e com parte da plebe dentro da cidade de Jerusalem e no sacro templo. E mando que se leve pela cidade de Jerusalem a Jesus Christo, ligado e açoitado, e que seja vestido de púrpura e coroado de alguns espinhos, com a própria cruz nos ombros, para que sirva de exemplo a todos os malfeitores, e com êle que sejam levados dois ladrões homicidas, e sairão pela porta Yagarda, hoje Antonina, e que se leve Jesus ao público Monte da Justiça chamado Calvario, donde crucificado e morto, fique o corpo na cruz como espectaculo a todos os malvados, e sôbre a cruz seja posto o título em três línguas, hebraica latina e grega: Jesus Nazarennus Rex Judeorum. Ordeno ainda que ninguem de qualquer estado ou qualidade que seja, se atreva temerariamente a impedir tal justiça por mim mandada, administrada e executada com todo o rigor, segundo os decretos e leis romanas e hebraicas, sob pena de rebelião ao império romano.

Testemunhas da nossa sentença — Pelas doze tribus de Israel: Rabbaim Daniel, Rabbaim Joannim, Boncar, Barbassu, Lobi, Pentuculani. — Pelos fariseus: — Ruliá, Simeão, Ronol, Rabbain, Mondaam, Boncurfosi. — Pelos hebreus: — Nitanbeta. — Pelo império e presidente de Roma: — Lucio Sextulio, Amasso Chilio.

Mater Dolorosa

Este precioso documento, escrito em hebraico pelo punho de Anaz, foi encontrado no ano de 1095, em Jerusalem por um dos legionários de Godofredo de Bouillon, e por êste levado para Nápoles. Foi tal o cuidado em acautelar tão valioso papiro, que êste se conservou ignorado durante 400 anos, tendo sido encontrado, por mero acaso.

O mais curioso é que esta sentença não foi assinada pelo Poncio Pilatos, verificando-se assim que o pusilânime procurador da Judeia, "lavara as suas mãos do sangue desse justo», já que outra coisa não era capaz de fazer.

Em 1820, estando a ser feitas escavações em Áquila, no reino de Nápoles, foi descoberto pelos comissarios de arte que seguiam o exército francês na sua expedição, uma lámina de bronze com os seguintes dizeres em hebraico:

Sentença ditada por Pôncio Pilatos, governador geral da Baixa Galileia, dispondo que Jesus de Nazareth, sôfra o suplício da cruz, no ano dezassete do império de Tibério-Cesar e no vigésimo quinto dia do mês de Nisan, na cidade santa de Jerusalem.

Pôncio Pilatos, governador da Baixa Galileia, sentado na cadeira presidencial do Pretório, condena a Jesus de Nazareth a morrer numa cruz entre dois ladrões, em vista dos francos e notórios testemunhos do povo que dizem:

1.º — que Jesus é um sedutor.
2.º — que é sedicioso.
3.º — que é inimigo da lei.
4.º — que se diz falsamente Filho de Deus.
5.º — que se diz falsamente Rei de Israel.
6.º — que entrou no Templo, seguido duma multidão enorme, levando palmas na mão.

Ordena a Quirino Cornelio, primeiro centurião, que o conduza ao lugar do suplício.

Proíbe a todas as pessôas, pobres ou ricas, que impeçam a execução do condenado.

Jesus sairá de Jerusalem pela porta Antonina.

As testemunhas que assinam esta sentença são:

Daniel Rabbaim, fariseu; Joannás Zorobabel; Joseph Robain; Capet, homem público.

A lâmina com esta sentença encontrava-se num vaso de mármore branco, tendo sido trasladada para uma riquissima caixa de ébano, e guardada na sacristia dos cartuxos, cêrca de Napoles.

A sua tradução foi feita cuidadosamente por todos os membros da citada comissão de arte. Os cartuxos, ao cabo de várias tentativas, conseguiram a posse definitiva da preciosa lámina, visto terem sido levados em conta os altos serviços prestados ao exército francês.

Segundo o estabelecido na sentença, Pilatos escreveu em latim, hebraico e grego o seguinte letreiro que deveria ser colocado na cruz sôbre a cabeça do supliciado: *Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.* Foi nesta altura que os principais sacerdotes se levantaram a protestar.

— Não escrevas "Rei dos Judeus», mas "Sou o Rei dos Judeus», pois era assim que êle se inculcava. Da maneira que escreveste, dá a impressão de que lhe reconheces a realeza.

Pilatos teve então um gesto enérgico — talvez o primeiro e o único da sua vida. Voltando-se para os sacerdotes que protestavam, replicou-lhes:

— O que escrevi, escrevi!

E Jesus Nazareno passou a ser, de facto, não só o rei dos Judeus, mas o dominador do Mundo.

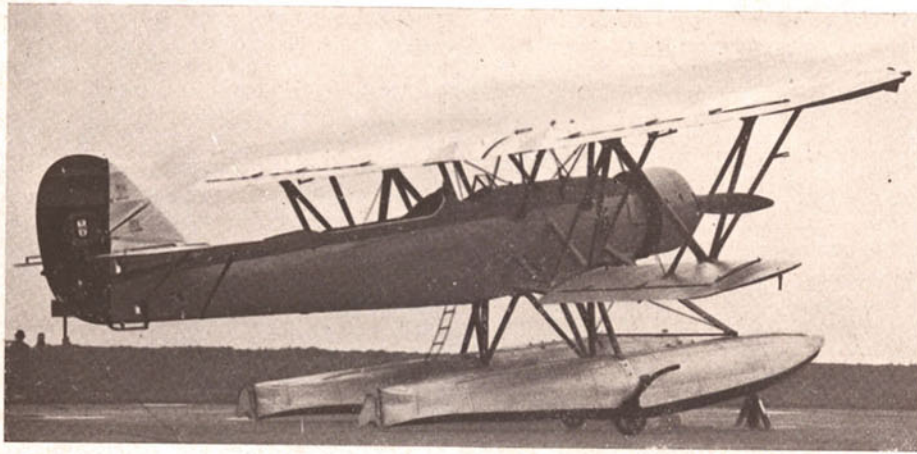
O seu sangue fomentou a revolta dos escravos e redimiu a humanidade.

Nenhum grande soberano do Universo, desde Nabucodonosor a Alexandre, desde Trajano a Tamerlão, desde Anibal a Bonaparte, conseguiu tão grande imperio. Jesus foi o redentor do Mundo.

O julgamento de Jesus

Hidro-aviões torpedeiros

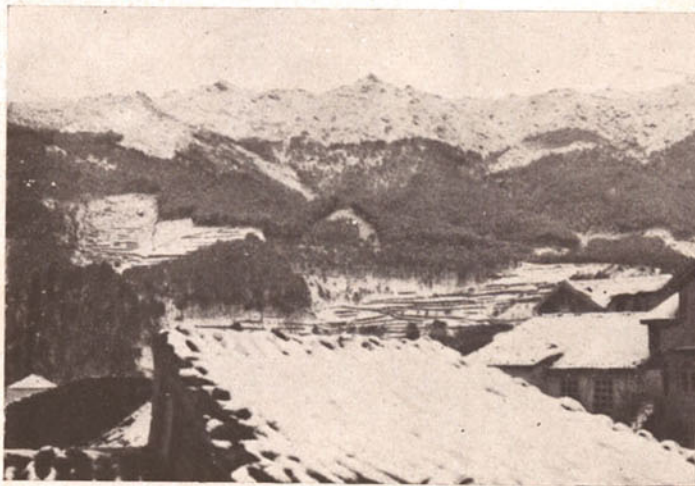
para a nossa Marinha de Guerra

PORTUGAL encomendou em Inglaterra para a sua Armada seis hidro-aviões torpedeiros «Blackburn», dois dos quais devem chegar por estes dias ao Tejo. Trata-se de aparelhos de grandes proporções e notável valor militar. Para efeitos de ataque, transportam um poderoso torpedo debaixo da carlinga e três bombas sob cada asa. São armados com duas metralhadoras. Como se sabe, a função essêncial dêstes aparelhos consiste em descer a pequena altura sôbre a superfície do mar e largar na direcção do barco inimigo o seu torpedo. As experiências a que êste modêlo foi submetido deram os melhores resultados, pois a velocidade prevista foi excedida. Em vista disso, o Govêrno britânico tomou para si tôda a produção da fábrica, com exclusão apenas do cumprimento do contrato já estabelecido com o Govêrno português. O custo de cada um dêstes aparelhos orça por mil contos. A nossa Marinha de Guerra vai ficar assim dotada com um poderoso elemento de combate que muito contribuirá para garantir a segurança do nosso litoral.

O último nevão dum inverno excepcionalmente rigoroso

O inverno que terminou no dia 21 do mês passado ficará, decerto, na memória do povo por largo tempo Há muitos anos que o clima não se mostrava tão inclemente. A ponto de a entrada da primavera não se ter feito ainda notar, facto excepcional nesta data. Os últimos meses foram dominados pelas cheias que espalharam a desolação por todo o país, destruindo culturas e inundando habitações. E não só em Portugal, mas em todo o Mundo: no país vizinho onde as cheias do Guadalquivir tiveram proporções assustadoras, na América do Norte onde o número de mortos ascende a algumas centenas e há dezenas de milhar de pessoas sem abrigo, etc. Dir-se-ia que os elementos atmosféricos colaboram, animados por infernal vontade, no agravamento da terrível crise económica em que o Mundo se debate.

A «Ilustração» teve ocasião de ilustrar nos seus últimos números alguns aspectos das inundações. Damos hoje o documentário de outro fenómeno específico da característica que invernia que vimos sofrendo: os nevões. De norte a sul do país, — com excepção de raras regiões que gozam dum clima sobremaneira benévolo e entre as quais se contam a capital e seus arredores — um amplo manto de neve cobriu há pouco mais de duas semanas a terra, as árvores e as casas, uniformizando tudo num poético e frio envólucro de pureza. O facto, embora habitual nas regiões continentais do país, teve êste ano excepcional intensidade.

Como sempre que flagela a Humanidade, a Natureza parece empenhar-se em procurar atenuantes. E assim, as suas violências manifestam-se sempre com espectáculos de beleza.

A gravura por baixo destas linhas mostra um aspecto do nevão na Covilhã. As restantes, diversos trechos de Manteigas, a pitoresca vila da Serra da Estrêla.

A ORIGEM DA TELEGRAFIA

O antiqüíssimo sistema do vaso de sinais

Embora os gregos atribuam ao seu heroi Palamedes, que se distinguiu na guerra de Troia, a invenção dos sinais a distância, esta descoberta é muito mais antiga, pois dela tinham feito uso os exércitos egípcios, medas e persas, muitos séculos antes.

Cabe, no entanto, aos gregos a honra de terem sido os primeiros a telegrafar a linguagem corrente em vez das mensagens convencionais. Durante os dez anos que durou a guerra de Troia, os montes Ida, Moscyle, Athos, Ossa, Agrapante e Arachneo tiveram permanentemente no seu cimo centenas de escravos que vigiavam de dia e de noite. Um belo dia, os referidos montes iluminaram-se, anunciando a Clytemnestra o regresso de Agamenon, rei dos reis.

Quando as fôrças do terrivel Xerxes se apoderaram dos três navios exploradores gregos, um bem organizado sistema de sinais luminosos participou a Atenas a infausta nova.

Assim fôram anunciados o resultado da batalha de Salamina, a chegada dos atenienses a Corcyra e a entrada dos peloponesos no Helesponto.

Estes sinais eram feitos com archotes de madeira resinosa ou quaisquer outras matérias inflamaveis, não obstante serem empregados tambem os farois, os estandartes e os toques de trombeta. Tinham também sinais opticos que designavam por *symbola*, e *semeia*, e sinais sonoros a que chamavam *orata*.

Havia também a transmissão por meio de vaso de sinais que era engenhosissima. Uma vasilha contendo água, fazia flutuar uma vara que tinha por base um pedaço de cortiça. A vara tinha pelo menos vinte e quatro hastes, doze de cada lado, em sentido horisontal, e descia, consoante a água contida, que um telegrafista ia despejando sob a indicação de um outro provido de um archote. O posto visinho respondia ter entendido, e assim se estabelecia comunicação.

Os árabes, os índios, quási todos os povos asiáticos utilizavam como meio de comunicação luzes brilhantes e coloridas que eram o que chamamos hoje fogos de Bengala.

Segundo certos autores, na Grande Muralha que rodeia a China, á guisa de gigantesco cinto, mantinham-se acêsas permanentemente fogueiras enormes destinadas a pôr em guarda os habitantes do Celeste Império contra as manobras inquietantes dos tártaros e a ordenar preparativos de defeza. Os chineses, como é sabido, utilizaram tambem, desde os tempos mais remotos, pombos correios para a transmissão de ordens militares ou políticas. Cautos e práticos, colocavam na ave um apito de bambú que, assobiando durante o vôo, espantava as aves de rapina, e dava, portanto, livre trânsito à ave mensageira.

Os gregos conseguiram prodigios nesta ciência de transmitir sinais a grandes distâncias, tendo sido copiados, como em tudo, pelos romanos. Um dos baixos relevos da coluna de Trajano em Roma apresenta o sistema de Telegrafia optica herdado aos helenos.

A Grécia pontificou sempre.

Logo que chegava a Athenas uma notícia importante, acendiam-se fogueiras na Acrópole, sendo as ruas percorridas por numerosos arautos que faziam ouvir o estridente clamor das trombetas.

Durante o dia, quando as fogueiras e os archotes empalideciam ante o sol, e não davam fumarada bastante densa para ser visivel a uma longa distância, os gregos utilizavam balisas coroadas por pedaços de pano branco que faziam as vezes de reflectores.

Mais tarde, foram adotadas as torres de observação, vendo-se ainda em vários pontos de Portugal restos desses edifícios construidos pelos moiros.

Na Escócia e em Gales colocavam, de distância em distância, e em grandes extensões de terreno, mastros altissimos, em cujo extremo acendiam barricas de pês. Durou isto até ao século XVIII, podendo dizer-se que, atendendo ao espírito retrógrado da época, todo aquele que entendesse ou praticasse tais sinais era tido por bruxo. Vários telegrafistas foram queimados pelas fogueiras de Santo Ofício por se lhes atribuir pacto com o demónio.

A primeira aplicação do telegrafo de sinais semaforicos em 1794, na França

Em princípios do século XVIII um alemão indicou a maneira de correspondência rápida com o emprêgo de letras transparentes abertas no fundo de um tonel iluminado interiormente. Mais tarde, alguns investigadores desenvolveram este sistema tornando-o mais acessivel na prática.

O monge francês Paulian, autor de um dicionário de física que teve grande voga, simplificou o sistema, traçando as figuras transparentes sôbre um quadro negro iluminado natural ou artificialmente. Trithemo, beneditino do século XV, servia-se de luzes combinadas que transmitiam mensagens, segundo um código de sua invenção.

Bergstrasser, de Hanau, teve uma ideia curiosissima que se tornou célebre pelo que tinha de cómica. Qualquer comunicação poderia ser feita por meio de tiros de canhão, ou, na falta destes, por foguetes. Assim para se transmitir uma frase de vinte palavras eram necessários cêrca de oito mil tiros. Não deixava de ter sua graça comunicar a triste nova da morte de uma alta personagem com verdadeiras girândolas de foguetes!

Mais tarde, o mesmo Bergstrasser imaginou o telegrapho vivo, utilisando soldados sinaleiros que empregavam as pernas e os braços à semelhança das aspas dos semáforos. Estas experiências feitas em 1787, na presença do principe de Hesse, merecem o mais caloroso aplauso. Além de mais económicas que a dos tiros, não atroa-vam os ouvidos da visinhança.

Entretanto, o inglês Robert Hook fazia notáveis progressos, registando os mais engenhosos aparelhos. Por sua vez, o dr. Hoffmann, de Maguncia, e o mecânico francês Guillaume Amontous aperfeiçoavam, dia a dia, os aparelhos da sua invenção.

Assim, chegamos ao telegrafo de braços móveis, inventado pelos irmãos Chappe que, tendo sido descoberto em 1791, marcou uma nova era na ciência telegráfica.

Nessa altura, nascia em Charlestown o judeu Samuel Morse, engenhosissimo inventor do celebrado aparelho de telegrafia eléctrica que se divulgaria, a breve trecho, por todo o mundo.

Em pleno século das maravilhas da T. S. F. pode haver quem sorria dessa primitiva telegrafia que mais parece uma brincadeira de crianças. Isto não obsta, é claro, a que daqui a alguns séculos possa haver quem se ria do nosso atrazo — e assim sucessivamente até á consumação dos séculos.

ENIGMAS DA ARTE

O Greco e os seus quadros

porque pintou como pintou?

A' esquerda: *Retrato dum desconhecido como o Greco o pintou.* A' direita: *Como o teria pintado se não fôsse astigmata*

QUANDO contemplamos alguns dos quadros do Greco, temos a impressão de que as telas, como se fôssem de borracha, haviam sido estiradas em cima e em baixo, aparecendo em forma esguia tôdas as figuras nelas representadas.

Qual seria a causa do defeito?

Um médico oculista, chamado German Beritens, não querendo ir além da sandália do sapateiro de Apeles, tentou explicar o fenómeno, adentro dos seus conhecimentos técnicos.

O pintor tinha um defeito visual, isto é, era astigmata.

Surgiu logo uma polémica que não ficou a dever nada à dos famosos paineis de S. Vicente.

Enquanto o dr. Beritens provava cientificamente que o Greco era astigmata, o dr. Pereiro Jauregui aparecia a refutar, alegando não compreender como dois objectos distintos — o modêlo e a figura pintada — podiam produzir uma mesma imagem na retina do pintor, e, após várias considerações de pêso, acabava por afirmar que a explicação do modo de pintar do Greco era mais psicológica ou artística do que patológica.

Por sua vez, o crítico de arte, Pedro Gomez Marti, concordando com a hipótese do dr. Beritens, salienta que o Greco pintou impecàvelmente os quadros da primeira época da sua carreira, em que menos podia saber, o que prova com a maior eloqüência que sabia desenhar. Nota-se o cansaço da sua vista em vários quadros, como, por exemplo, "O enterro do Conde de Orgaz», em que aparecem figuras bem desenhadas e proporcionadas ao lado de outras menos perfeitas, e que teriam sido executadas posteriormente.

Até os repetidos retoques que o Greco fazia nas suas obras provam que o pintor não as julgava perfeitas, semelhantes ao modêlo, e que a sua mão tinha ido, por vezes, mais longe do que devia, obedecendo à impressão anormal da sua visualidade.

Comparando o sentido da vista com o do ouvido, fundamentalmente idênticos, dá-se um fenómeno físico-patológico análogo ao do Greco na visão, com o que se dá com o desafinado que tenta trautear qualquer obra musical. Um ouvido poderá apreciar a enorme diferença entre as notas trauteadas pelo desafinado, e as perfeitamente executadas, ainda que a êste pareçam iguais.

Na dúvida de que tivesse sido defeituoso, artística ou patològicamente, o modo de pintar do fundador da Escola Espanhola, aparece uma prova mais em favor da doutrina sustentada pelo dr. Beritens, que, de passagem, rebate a tirada romântica de Maurice Barrés ao afirmar que as figuras do Greco apareciam "estiradas» porque êste, vendo a alma do modêlo, tratava de copiá-la.

"Observe-se o quadro de "Santo António de Pádua» — diz um outro crítico — e veja-se se é possível que o Greco acreditasse que o referido santo fôsse um degenerado, visto pintá-lo com um exagerado prognatismo, devido à inclinação da cabeça. Se pintasse os corpos representando almas, seriam sempre "estirados» no mesmo sentido, e não em sentido longitudinal, não resultando nunca tão disforme como a "Mulher do arminho» prolongada nesse sentido na posição carpiana e parte da metacarpiana, enquanto o resto se encontra em sentido transversal.

O "estirado» das figuras do Greco é sempre em sentido vertical, sejam ou não animadas. Quando é que teve alma o livro que encontramos no "Retrato do médico», que ostenta as fôlhas quadradas?

Quando é que o madeiro do Calvário, que se ergue no quadro de "Cristo na cruz» teve alma? E que alma encerrariam a haste de açucenas de Santo António, e o punho da espada do "Cavaleiro da mão no peito»?

O ilustre crítico Luiz Huidobro diz a êste respeito que, ao contemplar a obra do Greco, fica com a impressão de que êle foi um pintor que, ou não soube muitas vezes desenhar linhas paralelas ao natural e às relações longitudinais destas linhas, ou foi um desenhador habilíssimo que soube explorar o filão do "espírito na arte» para divertir se do divino e do humano.

É claro que isto não atinge o retrato do "Homem desconhecido» nem a capa do eclesiástico, a alva do sacristão ou a armadura do morto do quadro do "Entêrro do Conde de Orgaz» que são duma verdade que ainda ninguém alcançou.

Cristo na cruz — quadro do Greco

Julga Huidobro que o artista pintava, tendo muito perto o modêlo, o que lhe fazia apreciar os êrros de simetria e proporção dos rostos nas suas linhas constitutivas, e daí a sua fôrça de realismo que é conhecida pela pomposa designação de "ter espírito».

Mas daqui a assegurar que o Greco foi um místico e um clarividente vai um abismo!

Greco, na opinião dêste crítico, foi, consciente ou inconscientemente, o ousado criador da caricatura divina. Ninguém, até êle, nos tinha demonstrado que os deuses e os santos não haviam sido à nossa imagem e semelhança.

Se alguém tem o direito de revoltar-se contra a obra dêste insigne pintor são os homens de fé que verão nela a acção dum ímpio materialista.

Já repararam no quadro "Cristo na cruz»? Poderá alguém que tenha uma vaga concepção da Divindade deixar de a associar à Beleza? Poderá alguém admitir que o filho de um Deus possa ser como o Greco o pintou? E que os anjos, êsses seres todos beleza, todos graça e todos harmonia, possam ser anõesinhos com asas de pintassilgo, envoltos em vestiduras de lata colorida? E da humana tragédia do Gólgota, onde a dôr humana se divinizou, o que há nesse rosto do Cristo que olha impassível a lançada que lhe rasga o peito, manifestando uma expressão desharmónica com a dor que deveria sofrer naquele momento, e que nos emocionaria para melhor avaliar tão grande sacrifício de Aquele que, sendo filho de Deus, quis sofrer as dores que o seu Divino Pai reservara aos mortais?

«O cavaleiro de mão no peito» — quadro do Greco. — A' direita: *Como o teria pintado se não fôsse o seu defeito visual*

Quanto às figuras orantes, à da mulher que limpa a cruz e à do anjo, nada ressalta de belo, grandioso e verdadeiro.

Em boa verdade, êste quadro é uma caricatura da crucificação, sob o ponto de vista artístico e místico.

Na opinião de Huidobro, o grande passo dado pelo Greco na arte imitativa da pintura, foi, no seu sentido realista e materialista, o de ser um copista escrupuloso da matéria, desligando-se assim do classicismo. E a prova está em que, se após a contemplação de vários quadros, nos detemos ante o seu "Retrato de homem desconhecido» temos a impressão de estar a ver um nosso semelhante, e não um pedaço de pintura mais ou menos decorativa.

Surge, por vezes, esta pregunta: A pintura tem por objectivo ser a cópia miserável da Natureza?

— "É conforme o que chamamos copiar a Natureza — responde um grande mestre. — O homem não é uma câmara fotográfica que reproduz inconscientemente o que tem na sua frente. Se não existem na pintura as relações e os valores absolutos do natural, a que podemos chamar falso?»

Ora, o Greco cumpriu e respeitou estas leis, e, quando assim fez, foi grande e genial. Poucas vezes, infelizmente. A maior parte da sua obra, ou é o produto da extravagância, ou a tendência caricaturesca do natural. Greco satirisou uma época e uma raça, exagerando os elementos característicos delas. Aqueles tristes e lívidos varões, cujos corpos parecem um borrão negro, são outros tantos eloqüentes anátemas contra a dureza de uma vida mística que odiava a beleza material.

Greco, que em vida se chamou Domenico Theotocopulli, era natural da ilha de Creta, e não deveria compreender muito bem essa seriedade postiça e enfatuada da fidalguia castelhana do século XVII.

As obras de Greco podem ser consideradas as primeiras que apareceram fortemente satíricas na pintura espanhola, e talvez tivessem sido as fontes onde o Goya foi beber o seu jocundo humorismo.

Em que ficamos, portanto?

Greco era um astigmata, e daí o "estirado» das suas pinturas como se as copiasse dum espêlho convexo? Mas então porque aparecem também figuras bem proporcionadas pintadas pela sua mão?

Quando retratou o rei Filipe III, apresenta-o com uma cara redonda como a lua, que nenhum outro pintor lhe dá. Porquê? Compreendendo o seu defeito visual, teria alargado os traços do seu pincel que, no conjunto, deram aquele abôrto que os seus olhos viam perfeito?

Ou teve por fim caricaturar o soberano?

Eis um enigma a decifrar.

Retrato dum desconhecido como foi pintado pelo Greco, e, à direita, o mesmo quadro corrigido por uma lente anti-astigmata

O CRIME ETERNO

A FATALIDADE DE JUDAS — O TRAIDOR

Jesus perdoou, mas não perdoou a Humanidade

Fiat justitia!

Diz uma velha lenda que quando Judas rendeu a sua tenebrosa alma ao Diabo, o lugar que lhe destinaram no Inferno foi o ocupado até ali por Caím.

Pensava-se assim há centenas de anos, ao classificar-se o abominavel procedimento do discípulo de Jesus, que, por vingança reles, ambição mesquinha, ou inveja repelente, não vacilou em entregar o Divino Mestre aos seus perseguidores.

É que, ontem como hoje e como amanhã, o crime de traição repugnou sempre mais do que o assassínio, o roubo e o próprio fratricídio. Caím, se tivesse sido julgado à face dos códigos modernos, poderia ter apresentado algumas atenuantes, que, embora não justificassem o seu crime hediondo, iriam amenizar o rigor da pena que o atingiu. Judas, o traidor abjecto, é que nada poderia alegar em sua defesa.

Há tempos, apareceu o erudito inglês W. Hill a tentar a revisão do processo de Judas, concluindo que a pena imposta a si próprio pelo traidor, ao pendurar-se na figueira, fôra mais que suficiente para redimir o criminoso.

Salienta que na paixão e morte de Jesus surge a figura odiosa de Judas que todo o mundo cristão condena sem dó nem piedade, esquècendo-se da acção de S. Pedro que negou três vezes o seu Mestre, no curto espaço duma noite.

Em boa verdade, o trabalho de Mr. Hill é engenhoso, e cheio de erudição profundíssima.

Se Jesus, ao ser cravado no madeiro da ignominia, teve aquela súplica: "Pai, perdoai-lhes que não sabem o que fazem!" porque não havia de ser abrangido por êsse perdão o discípulo traidor?

Sim, Jesus perdoou, mas Humanidade é que não sancionou êsse gesto de bondade, embora seguisse a religião cristã.

Ser traidor ou trânsfuga é pior do que ser salteador de estradas.

Diz o sábio britânico que Jesus nunca teve uma grande simpatia por Judas, e vai documentando a sua afirmação com os próprios Evangelhos. Não é bem assim. Fazia tal confiança nêle, que até lhe confiou o cargo de tesoureiro. É certo que o amesquinhou, mas só durante a última ceia, quando já estava convencido da traição. Haveria razão para isso? Mas, se Judas teve a fatalidade de ser o escolhido para entregar o seu Divino Mestre, não podia fugir ao seu destino. Era impelido para o crime nefando, *a fim de que se cumprissem as Escrituras*, como o próprio Cristo o reconheceu.

Se não fôsse Judas, teria de ser outro qualquer, visto que, sem o acto da traição, não teria o sacrificio do Nazareno ficado conforme o anunciado pelos profetas.

Sentindo-se fadado para Messias, Jesus procurou seguir a letra das Escrituras. Foi esta a grande preocupação da sua curta vida de catequizador de multidões. Quando pressentiu chegar o angustioso momento de ser imolado, vacilou, e suplicou ao Eterno Pai que o enviara a dar o exemplo do sacrificio: "Pai, se é possível, aparta de mim êsse calix!" Sucumbira a carne, mas a sua vontade férrea conseguira reagir, ao resignar-se com o disposto por seu Eterno Pai, nêste murmúrio: "mas que se cumpra a tua vontade, e não a minha!"

Consumou-se a tragédia do Calvário, mas o perdão de Jesus não abrangeu o discípulo traidor, embora houvesse nos primeiros séculos quem o reputasse contrito e salvo.

É curioso notar que o sábio Hill afirma que "a lenda, sendo mais sensível que o dogma ás realidades, vai buscar, todos os anos, ao Inferno, o pobre Judas para que possa encher os seus pulmões com a brisa capitosa dos vergeis em flôr".

Passa-se isto pela Páscoa, é certo, mas para novamente supliciarem o traidor, queimando-o, em seguida, aos primeiros repiques da Aleluia.

Outro argumento de Mr. Hill é o de que Jesus, tendo sondado a alma de Judas, e descobrindo lá a traição escondida, não o dissuadiu de tão tenebroso propósito, o que aliás lhe seria fácil, atendendo ao grande ascendente que tinha sôbre os seus discípulos, antes o incitou, amesquinhando-o diante dos outros, e acabando por dizer-lhe numa intimativa que não admitia réplica: "O que tens a fazer, fá-lo sem demora?"

A Ceia — quadro de Zimmerman

Com efeito, isto vem descrito nos Evangelhos, vincando claramente que a traição de Judas era reconhecida por Jesus como *uma coisa que êle tinha de fazer*, para que se cumprisse o que estava escrito.

Quando o Mestre declarou, na sua última ceia que entre os discípulos havia um traidor, todos ficaram olhando uns para os outros, desconfiados na ânsia natural de descobrir quem poderia ser o pérfido a que Jesus aludia.

O Mestre, sempre impenetravel, visava o criminoso sem o apontar, o que mais afligia os que ali se encontravam.

Quem poderia ser?

Segundo o Evangelho de S. Mateus, o discípulo traidor ainda teve ânimo de preguntar: — Sou eu, porventura, Mestre?" E Jesus limitou-se a responder-lhe: "Tu mesmo o disseste!"

Acrescenta ainda aquele evangelista que Jesus revelara a traição de ia ser vítima, por estas palavras:

— "O que mete comigo a mão no prato, é o que me ha de entregar. O Filho do Homem vai certamente, *como está escrito dêle*, ser traído mas ai! daquele por cuja intervenção fôr entregue ao Filho do Homem! Melhor fôra não haver nascido!"

S. João, o discípulo amado, conta assim esta cena evangélica:

"E depois de Jesus ter lavado os pés aos seus discípulos, tomou as suas vestiduras, e, tendo-se tornado a pôr á mesa, disse-lhes:

— "Sabeis o que vos fiz? Vós chamais-me Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque o sou. Logo, se eu, sendo vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, deveis vós tambem lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo. Não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado é maior do que aquêle que o enviou. Se sabeis estas coisas, e as praticardes, sereis bemaventurados. Eu não digo isto de todos vós. Sei os que tenho escolhido; *porém é necessario que se cumpra o que diz a Escritura:* O que come o pão comigo, levantará contra mim o seu calcanhar".

E Jesus salientou, em seguida:

— "Em verdade vos digo que um de vós me ha de entregar!"

Aqui, S. João entra nesta minúcia: "Olhavam, pois, os discípulos uns para os outros, na dúvida de quem seria o visado. Ora, um dos discípulos, ao qual Jesus amava (era o próprio S. João) estava recostado á mesa, no seio de Jesus. A êle fez Simão Pedro um sinal, e preguntou-lhe: — "De quem fala êle?"

S. João voltou a reclinar-se no peito de Jesus, e preguntou: — "Senhor, quem é êsse?"

— "E' aquêle a quem eu der o pão molhado — respondeu Jesus".

E, tendo molhado o pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.

O evangelista conta ainda que "atrás do bocado de pão, entrou Satanaz em Judas" e que o Mestre lhe ordenara: — "O que tens a fazer, fá-lo depressa!"

Como Judas era o que tinha a bolsa, os outros discípulos calcularam que esta se relacionava com as despesas a fazer com a festa pascal, ou com esmolas aos pobres".

No Monte das Oliveiras

Judas saíu a cumprir a sua nefanda missão, impelido por todos êstes factos, e porque não teve uma voz amiga que o convencesse da abominável acção que ia praticar.

E' com estas e outras razões semelhantes que Mr. W. Hill pretende realizar a revisão do processo do traidor. Não deixa de ter lógica, mas não consegue embelezar, por mais que queira, a hediondez do crime.

Um traidor é sempre um traidor.

Se Judas voltasse ao Mundo, e tivesse conhecimento da aparição de um novo Baptista, poderia ir rojar-se-lhe aos pés como o mais sincero dos catecúmenos, que nem tôda a água do Jordão conseguiria lavar a sua culpa.

Poderia alegar que Jesus lhe perdoara, ao render o seu espírito ao Pai Divino donde viera. A Humanidade é que não perdoou, nem perdoará nunca, enquanto o Mundo existir.

O dever terrivel do traidor

O mais feroz dos assassinos, tendo expiado a pena que a lei dos homens lhe impôs, pode ainda encontrar uma réstea de compaixão, e conseguir maneira de ganhar a vida.

Horas terríveis de desvairamento! — dirão uns — Deus nos defenda delas! — dirão outros. E, no fim de contas, o matador tem a seu favor a justificação de não saber dominar-se e deixar-se impelir pelo impulso da vingança que é sempre cego e inconsciente.

O mais repugnante dos ladrões pode encontrar quem o absolva, atendendo a que foi a miséria que o forçou a dar tão mau passo. Deu o primeiro, deu o segundo... e depois... depois... tornou-se um bandoleiro perigoso quási sem dar por isso. Se algum dia lhe tivesse sorrido a ideia de se regenerar seria muito tarde. Ainda assim, ao cabo de algum tempo de porte irrepreensível, a sociedade volta a estender-lhe a mão, esquecendo as recriminações que poderiam envolver um perdão aviltante.

Mas um traidor?!

Esse não, êsse nunca mais encontrará quem o acôlha, seja qual fôr a expiação que tenha sofrido.

Se alguém, para atingir um fim almejado, se serve de um traidor, quando êste se lhe apresenta a receber a remuneração combinada, há de recebê-lo com asco como se tratasse com um leproso.

Haja vista o que Servílio Scipião respondeu aos assassinos de Viriato: "Roma não paga a traidores!" E, no entanto, a sua feia acção tinha libertado os romanos do seu pior inimigo...

Foi talvez pensando neste terrível anátema que Junqueiro fez realçar o tenebroso Iscariotes, ao repelir o perdão que o Nazareno lhe oferecia:

«A' tua caridade humanitaria e dôce,
Eu prefiro o dever terrivel!» E enforcou-se.

Assim, culpado e atirado à execração eterna, é que Judas deve ficar para exemplo de todos os traidores que vão surgindo por êste Mundo de Cristo.

Gomes Monteiro.

O CAMINHO DA ÍNDIA

objectivo supremo da política do Império Britânico

A intervenção da Grã Bretanha na guerra entre a Italia e a Etíopia tem sido atribuida — com incontestável lógica — ao propósito do seu govêrno em defender as linhas de comunicação com o Império das Indias. Procura-se tirar daí um argumento contra a sinceridade da política britânica na sua colaboração com a S. D. N., o que não é justo. Invocando o respeito pelos tratados, a Inglaterra zela os seus interesses. Mas o mesmo fazem a França e a Bélgica reclamando a desmilitarização do Reno. E nada há de mais natural do que o recurso ao direito internacional pela nação que se julga ameaçada nos interesses que criou.

A defesa e a conservação do caminho da India tem sido, de resto, a preocupação dominante da política britanica nos últimos três séculos. Por caminho da India deve entender se todo o sistema de vias que partindo da Inglaterra e passando quer pela Africa quer pela Asia, dão acesso ao Golfo de Bengala e asseguram dêste modo a liberdade de comunicações com o Oriente.

Para garantir o domínio absoluto dessas vias e a sua supremacia nas regiões atravessadas, a Inglaterra não se tem poupado a esforços, conquistando progressivamente territorios, ocupando os pontos estratégicos, firmando a sua influência entre os povos e raças espalhadas ao longo dêsse percurso. A história do caminho da India tornou-se assim uma epopeia heroica, cheia de lendas, quási sempre secreta e misteriosa.

E' êste objectivo o fundamento principal de toda a política britânica. E nenhum outro pode decidir tão facilmente a paz ou a guerra.

Logo no começo do século XIX, por ocasião da guerra da Sucessão em Espanha, a Inglaterra toma posse de Gibraltar, que lhe assegura o domínio incontestado do Mediterrâneo e donde jamais a veremos sair enquanto o Império for uma realidade. Anos depois instala-se em Malta, donde fiscaliza a passagem entre a Sicília e o Norte de Africa. Ocupa depois Ceilão e a cidade do Cabo. Em 1839, provoca a crise do Oriente e instala-se em Aden, eminência à saida do estreito de Bab-el-Mandeb que comanda a entrada do Mar Vermelho.

A sua ingerência na política turca é surpreendente. Auxília o govêrno otomano e faz-se pagar em influência e vantagens comerciais. Manda executar Mehemet Ali, que contrariava os seus objectivos e sonhava com a ocupação do Suez. Em 1878 toma partido pela Turquia contra a Rússia, que se propunha fazer terminar as perseguições aos cristãos, mas cujo ascendente a Inglaterra temia nas proximidades dêsse ponto vital.

A Grécia tem para ela enorme importância. O predomínio das suas esquadras no Próximo Oriente é condicionado pela possibilidade de se servir dos portos gregos como bases navais. Assim, em todas as fases da história moderna da Grécia há o dedo da diplomacia britânica e dos seus agentes secretos. E' a Inglaterra que provoca a abdicação do rei Othon e que, recentemente, eleva Jorge II ao trono. Quando um govêrno não serve os seus interesses fá-lo substituir. E todo êste trabalho se realiza na sombra, sem vitórias aparentes mas com resultados tangíveis.

O Egipto é um dos problemas mais delicados da sua diplomacia. Já a êle nos referimos quando há tempo traçámos aqui uma rápida resenha da luta da Inglaterra pela dominação do canal do Suez. Com uma tenacidade e paciencia admiráveis a Grã-Bretanha têm garantido a sua posição nas margens do curso da água aberto por Lesseps, ocupando-o militarmente sem atender tratados nem convenções. O movimento nacionalista egípcio que repudia a tutela inglêsa cria-lhe a todo o momento novas dificuldades que os seus diplomatas resolvem com arte subtil, mantendo intacto o domínio britânico.

Na Arábia a acção da Inglaterra é prodigiosa. Maneja ao sabor dos seus interesses os èmires e as tribus, explorando as rivalidades entre êles em proveito da sua política de penetração. Um homem extraordinário figura à cabeça desta obra grandiosa — o coronel Lawrence, agente secreto famoso a que sucedeu, após a sua morte, uma mulher de não menos invulgares qualidades — miss Gertrude Bell.

Ao longo de todo o extenso caminho da India, os agentes do «Intelligence Service» vigiam e conspiram para a maior grandeza do Império Não há povoação, por pequena que seja, onde um par dêsses milhares de olhos do serviço secreto não inglês não esteja atento ao que se passa, cuidando do que nada venha afectar a a supremacia britânica, captando simpatias e pondo-as ao serviço dos supremos objectivos imperiais. Nesta obra gigantesca, a Inglaterra não poupa esforços, nem regateia dinheiro. Tão pouco recua quando alguma cousa a ameaça. O caso do Fachoda é exemplo frisante de que a guerra com uma nação amiga como a França é tambem para ela uma solução quando se trata de afastar um concorrente perigoso da sua arteria vital.

Para manter esta apertada vigilância, o serviço secreto inglês conta com alguns milhares de dedicações. Os seus agentes, na maior parte ignorados e obscuros, vivem disseminados pelas regiões que interessam à segurança do caminho da Índia. O trabalho que alguns dêles realizam é prodigioso. Sirva de exemplo êsse judeu inglês de nome Rosenblum, que viajando sob o disfarce de missionário anglicano, conseguiu apoderar-se, por conta da Inglaterra, das imensas concessões petrolíferas da região de Shustar, na Pérsia. Ou ainda miss Gertrude Bell, sucessora do coronel Lawrence, como atrás dissemos, que, possuidora duma enorme fortuna, abandona as comodidades da vida civilizada para se aventurar na Arábia onde consegue fazer proclamar rei do Irak o jovem xeque Fayçal.

Obras ciclópicas marcam o caminho da India. Em Assuan, Senaar e Djebel-Aulia, o capital inglês fez construir diques gigantescos, cuja capacidade é nos dois primeiros de 5 biliões de metros cubicos de água e de 2 biliões e meio no último. Outra barragem projecta no Lago de Tana, segundo se afirma. E há já vinte e cinco anos que os Serviços Hidraulicos Anglo-Egípcios estudam uma obra ainda mais titânica — a construção, perto de Moutir, na junção do Sudão, de Kenia, de Uganda e do Congo Belga dum reservatorio com a capacidade de 50 biliões de metros cubicos que, aproveitando as águas do Lago Alberto, permita a irrigação de vastíssimas regiões.

Ao mesmo tempo que assegura com obras de fôlego a sua dominação no caminho da India, a Inglaterra defende com implacavel energia a artéria vital do seu império contra tôdas as arremetidas. A conquista da Etiópia seria de molde a assegurar à Itália uma inquietante preponderancia no Mar Vermelho. A existência quási certa do petrólio no Império do Negus daria à esquadra italiana uma perigosa autonomia. Assim pensa a Grã-Bretanha que se lhe opõe com todo o peso da sua influência.

UMA NOTÁVEL EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS POLACAS

NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

O Chefe do Estado inaugurou no dia 22 do mês findo na Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição de gravuras executadas por artistas polacos.

Ali figuram gravuras em madeira, litograficas, aguarelas, águas-fortes, aguatintas e pontas sêcas, em quantidade e qualidade de molde a darem ao visitante a mais lisonjeira impressão sôbre o desenvolvimento dêsse ramo de arte na Polónia.

Firmam essas preciosidades nomes, alguns bem célebres, dos melhores artistas polacos, tais como Bartlomiejczyk, Borowski, Brandel, Chrostowski, Cieslewski, Caerwinski, Dunin, Gorynska, Hecht, Konarska, Krasnodebska, Kulisiewiez, Mehoffer, Mrozewski, Paszkiewicz, Podoski, Sledlecki, Skoczilas, Sraednicki, Warowicz, Weiss, Wojnarski, Wolff e Zurawski.

Do notável sentido artistico dos gravadores polacos falam com eloqüência as seguintes palavras que extraimos do prefácio escrito por Marjan Paszkiewicz para o catálogo da exposição:

«A mistura do agudo realismo, da indomável tendência pelo concreto, pela claridade da forma, por um lado; e o desejo de aproximar-se dos mais intimos segredos da alma, dando expressão a todos os valores que tem vida através da plástica, por outro lado, parece ser o tom mais caracteristico da arte polaca».

Citaremos ao acaso entre a grande profusão dos trabalhos expostos o ciclo «Atlas», pontas sêcas duma maravilhosa delicadeza e espiritualidade; e também «Episódios da vida de Jesus», obra de traço vigoroso e expressivo de Krasnodebska.

No dia da inauguração estiveram na Sociedade Nacional de Belas Artes, além do sr. Presidente da República, os srs. ministros da Educação Nacional, do Comércio e Indústria, da Marinha e da Guerra; ministros da França e esposa; da Holanda e esposa; da Bélgica, da Noruega; encarregados de negócios da Itália, Checo-Eslováquia, Roménia e Húngria; muitas senhoras e artistas portugueses.

As gravuras representam: à esquerda, o Chefe do Estado no acto da inauguração; à direita, um exemplar dos trabalhos expostos.

VISITAS DO MINISTRO DA MARINHA A VILA FRANCA E AO ALFEITE

No exercício do seu cargo de ministro da Marinha, o sr. comandante Ortins de Bettencourt vem desenvolvendo uma intensa actividade que as condições do progresso da nossa Armada impõem.

Assim, no dia 10 do mês findo, o sr. ministro da Marinha visitou o Corpo de Marinheiros do Alfeite, onde funciona a Escola de Alunos Marinheiros da Armada. Foi acompanhado pelos srs. almirantes Sarmento Saavedra, major-general da Armada e Tito de Morais, superintendente da Armada. O ministro foi recebido no Alfeite pelo comandante do Corpo de Marinheiros, sr. capitão de mar e guerra Alberto dos Santos, e restante oficialidade. Depois de percorrer as instalações, o sr. comandante Ortins de Bettencourt proferiu um discurso em que falou, nomeadamente, da necessidade de adestrar intensamente os marinheiros para que êles se encontrem sempre bem preparados para a eventualidade de uma guerra.

No dia 17, acompanhado pelo seu chefe de gabinete, sr. capitão-tenente Gabriel Teixeira e 1.º tenente Santos Tenreiro e pelo sr. almirante Tito de Morais, o sr. ministro da Marinha visitou a Escola de Marinheiros em Vila Franca de Xira. Era ali aguardado pelo comandante, sr. capitão de fragata Palma Lami e oficiais; sr. capitão de mar e guerra Baptista Barros, comandante das fôrças navais do Tejo; sr. capitão-tenente Flaeschen de Mendonça, comandante do Corpo de Marinheiros, sr. tenente-coronel de engenharia Catarino Lima e srs. capitães-tenente Duarte Viana e Pedro Rosado. O sr. comandante Ortins de Bettencourt percorreu demoradamente todo o edificio e terminada a visita foi-lhe servido um «Pôrto de Honra», na sala do comandante da Escola.

No dia 21, o sr. ministro da Marinha visitou os Jerónimos acompanhado pelos seus colegas do Comércio e Obras Publicas, afim de escolherem o local onde deve ser instalado o Museu Naval. Fôram recebidos pelo sr. coronel Câmara Leme, director da Casa Pia. Durante a visita os ministros trocaram impressões com os srs. comandantes Quirino da Fonseca e Cisneiros de Faria, da comissão do Museu.

As nossas gravuras representam: à esquerda, em cima, o ministro na Escola de Mecanicos de Vila Franca; em baixo, a visita aos Jerónimos; e à direita, passando em revista a guarda de honra no Alfeite.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

Constituiu sem dúvida alguma uma noite de arte, o recital de dança, de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Catarina de Vilhena de Sousa Rêgo, D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre e D. Maria de Lencastre Van-Zeller, levou a efeito no teatro Nacional Almeida Garrett, na noite de quarta feira 11 de Março último, em que tomou parte um gracioso grupo de gentis meninas pertencentes à nossa primeira sociedade, discípulas da notável professora e bailarina Ruth Aswim.

O programa do recital, foi iniciado pelo bailado: «Flocos de Neve», de Glazounow, pelas meninas Rosa Bustorf da Silva, Francisca Carrobio, Irene Mickelsen de Carvalho, Maria Manuela Garcia, Maria Filomena Morales de los Rios Leitão, Maria Ofélia da Veiga Malta Emauz, Maria Verdiana da Veiga Malta Emauz, Maria Teresa da Costa Sousa de Macedo Sassetti e pelo menino António Bustorf da Silva; seguiram-se a «Valsa n.º 15» de Brahms, por Maria Amélia Pais de Sande e Castro, Maria Amélia Morales de Rios Frois e Maria do Carmo Pais de Sande e Castro; «Dança Egípcia» de Pierné, pela bailarina Ruth Aswim; «Minuete» de Boccherini, por Maria Filomena Morales de los Rios Leitão e Maria Verdiana da Veiga Malta Emauz; «Fredericus Rex» de Radeck, pelos meninos António Bustorf da Silva e José Luiz Soares de Albergaria Diniz; «La Rosa du midi», de Strauss, por Maria Cristina e Maria Teresa Morales de los Rios Frois; «La promenade des écoliéres», em que tomaram parte Maria Amélia Morales de los Rios Frois, que fazia a «Professora», a bailarina Ruth Aswim, o «Vagabundo», e as meninas Rosa Bustorf da Silva, Francisca Carrobio, Irene Mickelsen de Carvalho, Maria Manuela Garcia, Maria Ofélia da Veiga Malta Emauz, Isabel Monteiro Emauz, Maria Verdiana da Veiga Malta Emauz, Maria Teresa da Costa Sousa de Macedo Sassetti e Maria do Carmo Morales de los Rios de Castro, bailado com que terminou a primeira parte do programa, sendo todos os números fernèticamente aplaudidos pela selecta assistência.

Depois de um curto intervalo abriu a segunda parte pelo bailado «Marionettes» de Debussy, em que tomaram parte Maria Teresa Morales de los Rios Frois, Rosa Bustorf da Silva, Isabel Monteiro Emauz, e Maria Cristina Morales de los Rios Frois; seguiram-se os bailados «A voz da Primavera» de Strauss, por Maria Amélia Pais de Sande e Castro e Maria Amélia Morales de los Rios Frois; «La jeune fille et la morte» de Schubert, pela bailarina Ruth Aswim, «Os quatro prelúdios» de Chopin, por Maria Amélia e Maria do Carmo Pais de Sande e Castro, Maria Amélia Morales de los Rios Frois, Isabel Montenegro e Ruth Aswin, terminando essa parte pelo bailado «Gavotte» da ópera «Mignon» de Thomaz, pela bailarina Ruth Aswim.

A terceira parte era apenas constituida pela pantomima «La flute de jade» de Mozart, em que as partes principais foram desempenhadas por Maria Amelia Pais de Sande e Castro e Maria Amelia Morales de los Rios Froes, sendo os restantes intérpretes as restantes discípulas de Ruth Aswim e pela própria professora.

Como na primeira parte foram tôdas as improvisadas bailarinas, bem como a professora muito aplaudidas pela selecta assistência.

De propósito deixamos para o fim a referência especial a Maria Amélia e Maria do Carmo Pais de Sande e Castro, Maria do Carmo Morales de los Rios de Castro, Maria Filomena Morales de los Rios Leitão, Maria Amélia, Maria Cristina e Maria Tereza Morales de los Rios Froes, que se pode dizer sem receio que nos desmintam, que são umas autênticas bailarinas, estando certos que muitas profissionais se não exibem com tanta arte e elegância.

Espectáculos como êste honram sôbremaneira quem os organiza porque são verdadeiras noites de arte, que ficarão bem vincadas na memória de todos aquelles que a ela assistiram.

Casamentos

Na paroquial egreja de S. Sebastião da Pedreira, no dia 19 do mês próximo passado e pela 1 hora da tarde, realizou-se com grande solenidade o casamento da sr.ª D. Ana Maria Sanz Rubio Sagasta Allúe, gentil filha do sr. D. Evaristo Sanz Sagasta de Ilurdez e da sr.ª D. Casilda Rubio Allúe Villanueva, já falecida, com o sr. Henrique Carlos Malheiros de Seixas, filho da sr.ª D. Luiza Emília da Conceição Malheiros de Seixas e do sr. Carlos de Seixas tendo servido de padrinhos por parte da noiva sua tia paterna D. Clarisa Sanz Sagazeta de Gimenez e seu pai e por parte do noivo seus pais.

Presidiu ao acto, tendo feito uma brilhante alocução, o reverendo prior da freguezia.

Serviram de caudatárias as meninas Ana Maria e Isabel Maria de Seixas Arantes gentis sobrinhas do noivo.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na artística casa do pai da noiva um finíssimo lunche fornecido pela pastelaria «Aurea», no qual a numerosa assistência brindou aos noivos com o mais entusiástico carinho. Na corbeille da noiva viam-se grande número de artísticas e valiosas prendas.

Aos noivos, que partiram para a quinta da Ribeira, propriedade dos cunhados do noivo, onde foram passar a lua de mel, e que reunem tôdas as qualidades de caracter credôras do mais ridente futuro, desejamos uma prolongada e venturosa existência, daqui lhes enviando as nossas sinceras felicitações.

Casamento da sr.ª D. Ana Maria Sanz Rubio Sagazeta Allue, com o sr. Henrique Carlos M. de Seixas. Os noivos com as gentis caudatarias, sobrinhas do noivo

— Realizou-se na capela de S. José de Ribamar, em Algés, propriedade dos pais do noivo, o casamento da sr.ª D. Mariana Brandão de Melo de Magalhãis, gentil filha da sr.ª D. Maria José Brandão de Melo Cogominho e do sr. dr. Jacinto de Magalhãis, já falecido, com o sr. Marquês da Foz, filho mais velho dos srs. Condes da Foz, tendo servido de madrinhas as sr.as Condessa de Cabral e D. Maria do Carmo Mimoso de Albuquerque da Cunha Pignatelli, respectivamente irmã e prima da noiva e de padrinhos os srs. Conde de Obidos e Conde de Cabral, respectivamente tio materno e irmão do noivo, presidindo ao acto Sua Excelência Reverendíssima o sr. Arcebispo de Mitilene, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo acolitado durante a cerimónia pelos reverendos dr. Honorato Nunes Monteiro e pelo prior de S. Romão de Carnaxide, António Duarte Patuleia.

Terminada a cerimónia, durante a qual a sr.ª D. Maria de Sampaio Ribeiro, se fez ouvir em vários trechos de música sacra, com acompanhamento de orgão, foi servido no salão de mesa da elegante residência dos irmãos dos noivos srs. Condes de Cabral, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para a quinta da Tôrre de Santo António, em Torres Novas, propriedade dos pais do noivo, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo prior da freguezia do Santo Condestável, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial de Santa Isabel, o casamento da sr.ª D. Maria Isabel Bezerra, interessante filha da sr.ª D. Maria Bezerra e do sr. António Bezerra, comandante da marinha mercante, com o sr. Carlos Quintanilha de Mantas filho da sr.ª D. Alice Quintanilha Mantas e do sr. Júlio Mantas, gerente da Agência do Banco Nacional Ultramarino, na Guarda, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos noivos, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Matilde de Vilhena Freire de Andrade Pessanha, espôsa do sr. Diogo de Afonseca Maldonado Pessanha, para seu filho D. Diogo Francisco, a sr.ª D. Maria da Luz Diogo da Silva Melo e Faro (Monte Real), gentil filha dos srs. condes de Monte Real, devendo a cerimónia realisar-se por todo o corrente mês.

Realizou-se o casamento da sr.ª D. Adelia Guerreiro Mascarenhas, interessante filha da sr.ª D Beatriz Mascarenhas e do sr. Diogo Paulo Mascarenhas, com o sr. João de Sousa Carvalho, filho da sr.ª D. Elvira Sousa Franco Carvalho e do sr. António Carvalho, servindo de madrinhas as sr.as D. Ilda Gonçalves e D. Maria Cabrita Mascarenhas, e de padrinhos os srs. Joaquim Gonçalves e Albertino Paulo de Mascarenhas.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais do noivo, um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso na Casa de Saúde de Benfica, a sr.ª D. Maria Lucília Pessôa Brandão, espôsa do distinto médico da armada primeiro-tenente sr. dr. Luís Mendes Monteiro Sinja Brandão, sendo assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Morais Sarmento. Mãe e filha estão felizmente bem.

«D. Nuno».

FIGURAS E FACTOS

Alta Cultura Colonial

Na sala da biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa inaugurou-se no dia 21 do mês findo, sob a presidência do Chefe de Estado, uma série de conferências de Alta Cultura Colonial. Foi conferente o sr. prof. dr. Agostinho de Campos que pronunciou uma modelar lição versando as nossas tradições coloniais.

A mesa de honra foi ocupada além do sr. Presidente da República pelos srs. ministros das Colónias e da Instrução, prof. dr. Caeiro da Mata, conde de Penha Garcia e Cardial Patriarca de Lisboa. A gravura à esquerda mostra as individualidades de maior representação com o Chefe de Estado, vendo-se à esquerda dêste o conferente.

A conferência do economista romeno Manoilesco na Uuiversidade Técnica

A convite da Universidade Técnica de Lisboa veio ao nosso país o eminente economista e professor romêno sr. Miahil Manoilesco. O ilustre catedrático chegou a Lisboa no dia 10 do mês findo e à noite realizou no salão do Instituto de Ciências Económica e Financeiras a sua primeira conferência sôbre o tema «O destino do corporativismo». Era numerosa a assistencia, composta por professores e alunos do Instituto e alguns membros da colónia romena de Lisboa. A sessão foi presidida pelo sr. ministro da Educação Nacional, que tinha à sua direita os srs. ministro do Comércio e industria, profs. drs. Caeiro da Mata e Azevedo Neves, respectivamente, reitores das Universidades de Lisboa e Técnica, e à esquerda os srs. encarregado dos negócios da Romenia, dr. Francisco António Correia, professor da Universidade Técnica, e professor Moisés Amzalak.

O sr. professor Azevedo Neves abriu a sessão, agradecendo aos dois ministros a sua presença. Depois de cumprimentar as outras entidades e o conferente, aproveitou a oportunidade para pôr em destaque o valor do trabalho realizado pela Universidade Técnica de que é reitor.

O sr. prof. Mosés Amzalak fez depois o elogio do conferente nos seguintes termos:

«E' o prof. Manoilesco um dos pensadores mais notáveis da Juventude intelectual e cientifica da Romenia. Estudante laureado por várias Universidade europeias, muito novo, mercê do seu grande valor intelectual e do seu ardente e vibrante patriotismo, alcançou, quer na vida pública do seu país, quer no professorado, logar eminente.

«Governador do Banco Nacional da Romenia, deputado, senador e ministro da Indústria e Comércio, o professor Manoilesco têm algumas obras de valor».

O ilustre economista romêno proferiu a seguir a sua erudita lição que o auditorio acompanhou com interêsse aplaudindo no fim calorosamente. As nossas gravuras mostram: à esquerda, a mesa que presidiu à conferência e à direita o prof. Manoilesco discursando.

Dr. Ramada Curto

Mais uma peça do dr. Ramada Curto que, após o triunfo dos palcos, sai em livro para deliciar os amadores da boa literatura teatral. É «O Perfume do Pecado» que tanto deu que falar por aí, visto o seu autor ter descido à liça a defender os seus laureis tão nobremente conquistados.

No prefácio, Ramada Curto não vergasta os seus antagonistas, adorna-os indulgentemente com uma coleira de guisos para que tôda a gente os conheça.

Homenagem ao dr. Jaime Lopes Dias

Na Casa das Beiras realizou-se, no dia 23 do mês findo, um almoço de homenagem ao sr. dr. Jaime Lopes Dias. Presidiu o sr. conselheiro dr. Afonso de Melo, da direcção desta colectidade, tendo à direita os srs. Jaime Lopes Dias, António Santos e dr. Mário Ramos, e à esquerda os srs. almirante Santos Fradique, dr. Domingos Pepulim e coronel Silveira de Lemos. Noutros logares muitos convivas, entre os quais os srs. coronel Cameira, comandante da P. S. P.; dr. Octávio de Brito, coronel Lopes Galvão, Manuel Bulhosa, Artur da Silva, etc.

Iniciou os discursos o sr. dr. Afonso de Melo e falaram a seguir os srs. dr. Domingos Pepulim, José Dias Ferrão, Alfredo Felipe Campos Belo, António Santos, Santos Melo e tenente-coronel Pina Lopes. O sr. dr. Jaime Lopes Dias agradeceu, por fim, com um interessante discurso, a manifestação de simpatia e apreço que lhe era tributada.

Dr. Caetano Beirão

O novo livro do dr. Caetano Beirão, «Cartas da Rainha D. Mariana Vitória» está destinado um êxito idêntico ao alcançado pela sua obra anterior «D. Maria I», cuja edição se esgotou em poucas semanas.

Neste novo trabalho, o dr. Caetano Beirão foca magistralmente o panorama do século XVIII que as cartas dessa rainha documentam, conseguindo fazer cintilar o seu estilo de escritor primoroso, mesmo por entre a poeira dos arquivos da nossa História.

AS FORTIFICAÇÕES DA "LINHA MAGINOT"

em que se dispenderam cêrca de dez biliões de francos constituem o mais prodigioso esfôrço até hoje realizado para assegurar a inviolabilidade duma fronteira

Aspecto dum forte que oferece um alvo mínimo

A reocupação da zona renana pelas tropas alemãs era um facto de fácil previsão. De há muito que êle era considerado conseqüência inevitável da política nazi, o que não tira contudo, à atitude de Hitler o seu caracter sensacional.

Assim, a França não foi colhida de surpresa. Com uma prudência, que assume agora todo o valor, tratou de garantir a sua defesa na fronteira do nordeste, ainda durante o período em que os tratados lhe garantiam uma margem mínima da segurança de 50 quilómetros entre as suas linhas e as posições militares alemãs.

Essa formidável linha de fortificações encontra-se hoje terminada e vigia atentamente o que se passa do outro lado da fronteira, pronta a aguentar o embate duma invasão que, no consenso geral, é por enquanto improvável.

Esta rede de obras defensivas, que começa a 4 quilómetros ao norte da fronteira suiça e se estende até ao Mar do Norte, por trás da fronteira belga, é hoje conhecida pela designação da "linha Maginot», em homenagem ao inteligente ministro da Guerra que traçou o plano e promoveu a sua realização. Verdadeira muralha da China, guardadas as proporções, ela constitue uma sólida barreira erguida entre o mundo germânico e o ocidente, e representa o mais prodigioso esforço até hoje desenvolvido por uma potência para garantir a inviolabilidade do seu território. Mais convincente e eficaz do que todos os tratados, a linha Maginot garante á França por largo tempo uma relativa tranqüilidade.

Eis como o general A. Niessel descreve no "Paris Soir» êsse poderoso sistema de fortificações.

"A linha Maginot consiste, ao longo do Reno da Alsacia até á altura da floresta de Haguenau numa enfiada de "blockhaus» em cimento, apoiados uns nos outros e dominando o curso do rio.

"Vem depois uma organização defensiva constituida por sólidas obras, chamada "região fortificada de Lauter» no ângulo formado pelo Reno e pela ribeira deste nome, obras cuidadosamente adaptadas ao terreno, enterradas, munidas de blindagens, de locais subterraneos a toda a prova e dum potente material de artilharia. Esta região fortificada estende-se até aos Vosges.

"Estes constituem, em virtude do pequeno numero de vias de penetração de norte para sul, uma zona confiada à fortificação de campanha, muito estudada de antemão e para o estabelecimento do qual existe próximo o material.

"Na Lorena vem a seguir a região fortificada de Metz, que cobre esta praça e nela se apoia. Como a de Lauter, compõe-se de obras inteiramente modernas e duma notável solidez.

Interior duma galeria subterrânea

Uma peça de artelharia no recinto duma fortificação

O aspecto imponente das blindagens que desafiam os mais poderosos explosivos

"Mais a oeste, a defesa da fronteira apoiar-se-á nos cursos de água e florestas, cuja organização foi minuciosamente estudada e cuja preparação seria possível por estar coberta pelo território belga. Os alemães serão tanto mais tentados a violá-la quanto mais sólida fôr a resistência das nossas fortificações na Alsacia e na Lorena. Esta circunstância decidiu a Bélgica a organizar, por seu lado, a defesa por meio de fortificações construídas mesmo junto à fronteira, com o concurso de tropas de cobertura especiais, cuja rápida mobilização foi preparada por meio de reservistas recrutados na região. Elas comportam, em especial, unidades ciclistas de guarda-fronteiras, compostas de voluntários ciclistas e realistados, destinados á guarda permanente das obras da fronteira e a realização das destruições necessárias para paralisar um avanço inimigo.

"A linha Maginot, prolongada pelas defesas da fronteira belga, é portanto, sólida. De resto, seria apoiada:

"á direita pela Suiça, firmemente decidida a fazer respeitar a sua neutralidade e onde se estudam já, em pormenor, os trabalhos a executar para a defesa da fronteira norte;

"á esquerda, pela Holanda, onde se começou a fortificar os cursos de água paralelos á fronteira e se preparou a destruição das pontes».

A guarnição deste extenso sistema de fortificações constitue um problema a que os técnicos militares franceses tem dedicado cuidadosa atenção. Existem brigadas de especialistas que asseguram o bom funcionamento das obras defensivas em tempos de paz. Normalmente acampam nas proximidades, mas após a entrada das tropas alemãs na Renânia encontram-se instaladas no interior dos próprios fortes subterraneos, prontas para qualquer eventualidade.

Em caso de guerra essas guarnições seriam reforçadas com reservistas convocados nas regiões vizinhas, o que assegura a sua rápida concentração. Nem os mais pequenos pormenores dessa mobilização eventual foram deixados ao acaso. O armamento e equipamento de cada soldado encontra-se pronto a ser-lhe entregue com uma demora mínima. Como o manejo do material das fortificações exige profundos conhecimentos técnicos cada reservista tem o seu posto determinado, de modo a prestar serviço em condições que já conhece perfeitamente do seu período de instrução. Para assegurar o treino destas reservas, realizam-se freqüentes convocações por um período de quatro dias, durante os quais renovam o contacto com o material que lhes está destinado.

Quanto às fortificações em si, o número de pormenores técnicos que delas se conhece é escasso. As autoridades militares rodeiam-nas do mais rigoroso sigilo, para evitar indiscrições que aproveitariam à espionagem. Pelo mesmo motivo são raras as fotografias susceptíveis de esclarecer sobre a localização e potencia dos fortes.

Sabe-se, no entanto, que se compõem de vários andares e que nalguns pontos atingem uma profundidade de 70 metros abaixo do nível do solo. São ligadas interiormente por combóios eléctricos e ascensores destinados a elevar as munições dos paiois até às bocas do fogo. As blindagens são constituidas por cimento e aço, numa espessura tal que a sua capacidade de resistência excede largamente a dos mais poderosos torpedos e obuses até hoje conhecidos. No seu interior existem instalações geradoras de energia eléctrica e reservas de munições, água potável e mantimentos para muitas semanas de luta renhida.

Os fortes que emergem do solo são de diversa categoria. Alguns estãos armados apenas de metralhadoras, mas outros abrigam artelharia de grande calibre. Graças aos mecanismos automáticos estas armas podem fazer fogo e recolher novamente ao abrigo das blindagens, o que torna muito difícil a sua destruição pelo inimigo.

Tais são os prodigiosos formigueiros subterrâneos a que a França confia um papel preponderante na sua defesa.

É com a aviação que os alemães contam tornear a resistência infranqueável da «Linha Maginot». Aqui vemos a primeira esquadrilha militar, constituida após violação do Tratado de Versalhes, voando em formação sôbre a estátua alemã consagrada à conquista do Ar

A QUINZENA DESPORTIVA

A equipa de «juniors» do Sporting, vencedora do campeonato nacional de «cross» da categoria

Com os campeonatos nacionais, disputados em Lisboa apenas com a participação de corredores da capital, terminou a época de inverno do atletismo, pois não pode ser considerada como a ela pertencendo em exclusivo a terceira prova da Pequena Maratona marcada para o dia 5 do corrente.

O activo da temporada oferece nos sete jornadas de corridas pelo campo e três em estrada, o que corresponde a uma actividade muito mais do que suficiente. São numerosos os especialistas que acusaram, nas últimas saídas, uma fadiga evidente, conseqüências dos sucessivos esforços em três mezes de competições, que os aguaceiros e temporais da invernia rigorosa tornaram ainda mais pesadas.

O problema deve ser cuidadosamente estudado pelos nossos dirigentes responsáveis, pois lhes importa mais zelar os interesses dos praticantes do que pactuar com as críticas dos técnicos que medem o valor dos mentores pela extensão dos quilómetros percorridos, por sua iniciativa, durante a época.

É tão prejudicial pecar por exagero como por carência; em Lisboa, para não dizer em todo o Portugal, o número de praticantes da corrida pelo campo é reduzidíssimo e corresponde, afinal à falange daqueles que durante a época festival disputam em pista as provas de fundo. São, na sua quási totalidade rapazes vendedores de jornais ou de condição modesta, vivendo sem grandes recursos e num meio onde as normas gerais da higiene não figuram.

Exigir aos corredores nessas condições, esforços violentos e repetidos, é impôr-lhes trabalho superior aos recursos de que dispõem, prejudicá-los na sua forma física e menosprezar, portanto, os princípios da sã moral desportiva.

Este nosso critério, que a lógica mais elementar corrobora, encontramo-lo confirmado por exemplo, pela crítica francesa da especialidade que, apontou o excesso de provas organizadas no país como a causa principal do declínio de valor médio dos corredores de "cross-country„ nacionais.

A época de 1936 trouxe-nos a agradável revelação dum corredor de grande classe, o estreante Manuel Nogueira, do Club de Football "Os Belenenses„, que venceu tôdas as provas da sua categoria com extraordinária facilidade, permitindo-se o luxo de conquistar a primeira classificação do Grande Prémio precedendo os melhores "seniors„ da especialidade.

Salvo acidente imprevisível, Nogueira vai ser no verão próximo o melhor dos nossos corredores de meio-fundo e, se tiver quem saiba orientá-lo convenientemente, fará passar para o seu poder alguns "records„ portugueses.

A outra surpresa da época foi o ressurgimento de Manuel Dias; depois dum período apagado, que parecia ser a conseqüência natural duma carreira longa e gloriosa, o antigo campeão invencível, voltou êste inverno a dar cartas.

Para muitas pessôas, as vitórias que alcançou representam uma subida de forma e, apontam-no em condições idênticas às da época aurea da sua actividade; não julgamos assim, e interpretamos a superioridade que afirmou como o fruto dum trabalho cuidado e a conseqüência da baixa de forma dos adversários que, há um ano, lhe eram superiores.

Adelino Tavares deu provas duma condição irregular e precária, ganhando apenas o campeonato regional e correndo muito bem a segunda prova da Pequena Maratona; parecia a sombra do homem de 1935 e, além de Manuel Dias, suplantou-o também o seu companheiro de club António Fonseca, o eterno segundo da época que bem merecia os louros compensadores duma vitória.

O Benfica é campeão de Portugal graças ao trio Manuel Dias, Angelino Pinho — outro homem que progrediu — e Carlos Correia, mas foi batido pelo Sporting no campeonato regional, onde Adelino, Fonseca e o veterano António d'Almeida conseguiram menor pontuação.

Na categoria "juniores„ o Belenenses e o Sporting conquistaram respectivamente os títulos regional e nacional. Alem de Nogueira, que é duma classe àparte dos restantes, deram bôa conta de si os "leões„ Alfredo Custódio e Anibal Barão, o "vermelho„ Amadeu Bispo e o "vendedor„ Jaime Mendes a quem a vitoria dos 15 quilómetros de "Os Sports„ deu uma celebridade que as posteriores próvas não confirmaram.

■

A complicada situação internacional criou um ambiente hostil aos próximos Jogos Olímpicos de Berlim. Parece sina.

Diversas nações deixam antevêr propositos de abstenção e ninguém é capaz de prevêr o que irá suceder em Julho, em Berlim. O mal, nêstes casos, está no despertar dos primeiros ataques; fica o caminho aberto para tôdas as campanhas.

O Olimpismo, ou pelo menos o estatuto olímpico contemporâneo já de há muito não merece as simpatias da crítica, que o acusam de fomentar a hipocrisia dum amadorismo perjuro.

Apreciando a possibilidade de abolição dos Jogos Olímpicos, o jornalista francês Jean de Lascoumettes, escreveu recentemente que esta idéa, à primeira vista inaceitavel como um sacrilégio, é afinal uma coisa perfeitamente admissivel.

Para que servem os jogos? pregunta êle. Servem, em cada Olímpiada e na medida dos cuidados, postos na sua preparação, os interesses do país designado para os organizar; interesses materiais em parte, mas sobretudo interesses morais de propaganda.

A renovação dos Jogos Olímpicos, devido à generosa iniciativa de Pedro de Coubertin, mantem-se ainda pela virtude de indiscutiveis artificios.

A primitiva idéa que ditou a sua criação era duma pureza maravilhosa; os Jogos, como aqueles d'antanho, deviam consagrar os méritos da virtude, de tôdas as virtudes desportivas e humanas. Infelizmente, porém, é difícil — para não dizer impossível — adaptar uma fórmula ideológica a um mundo comandado pelas necessidades brutais da vida quotidiana. Não se pódem ressuscitar tempos mortos há largos séculos e cujas bases sociais são para nós, afinal, um mistério. Quem póde garantir a veracidade dos factos históricos da idade grêga?

Os Jogos Olímpicos transformaram-se, contra a vontade expressa dos seus renovadores, numa manifestação de hipocrisia desportiva em cada ano bissexto, a qual obriga ao juramento solene de amadorismo, dum rigor caduco, uma falange de gente moça que directa ou indirectamente mercadeja o seu esforço. Tôda a gente sabe que assim é, mas o juramento persiste e cria um mal-estar geral.

Porque não havemos de falar claramente e harmonizar os regulamentos às condições da vida contemporânea? Enquanto os estádios servirem para a realização de competições que são os negócios comerciais, não póde haver amadorismo nos actores dêsses espectáculos; enquanto os espectadores pagarem o seu direito de presença, numa tarifa cuja importâncias é directamente proporcional à classe dos atletas que se exibem, é humano que estes compartícipem nas receitas e se assim não fôsse passariam por tolos aos olhos dos emprezários.

É esta a razão que condena os Jogos Olímpicos; não como competição mundial, mas no espírito que rege, severo e antiquado, que parece indispensável humanisar, num critério muito mais larga tolerância.

■

Entrou na sua fase decisiva o campeonato de football da Liga, a mais importante das provas organizadas em Portugal, aquela cujas peripécias suplantam até no interêsse do público o próprio campeonato nacional.

Na época passada, em que pela vez primeira a Federação organizou esta prova, o êxito foi extraordinário e a vitória final do Football Clube do Pôrto, batendo por minima diferença o velho adversário Sporting Clube de Portugal, é um dos títulos de glória de que mais deve orgulhar-se o grande clube nortenho.

Este ano as coisas seguem de maneira diferente, mas é impossível, por enquanto, prevêr o desfecho final do drama.

A equipa representativa do Benfica, que ganhou o 1.º lugar na corrida Cascais-Lisboa

Ao termo da primeira volta, dois grupos lisboetas, o Benfica e o Sporting, caminhavam par a par na vanguarda da classificação, precedendo de dois pontos o Vitória e de três pontos, Belenenses e F. C. Pôrto. A primeira jornada do segundo ciclo, veio porém alterar profundamente as posições relativas dos principais competidores, aproximando-os na pontuação de forma a quási nivelar probabilidades.

Uma vitória dos Belenenses, um empate entre o Benfica e o Vitória, uma derrota estrondosa e anormal do Sporting no Pôrto, bastaram para dar aos campeões nacionais um ponto de vantagem sôbre os campeões de Lisboa, que Vitória, Pôrto e Belenenses seguem praticamente em pelotão à diferença minima.

Dois escassos pontos, o correspondente a uma vitória, separam nêste momento o primeiro do quinto, na classificação; não é fácil conseguir outro torneio mais emotivo.

Infelizmente, o êxito grandioso duma competição desportiva, não passa sem contrariedades graves. A paixão do público vibra em demasia e origina, por vezes, excessos condenaveis; a educação desportiva actua mais directamente sôbre os jogadores do que sôbre a assistência que em certas ocasiões exorbita dos seus direitos e transforma a rivalidade nobre e cavalheiresca em ódio torpe e arruaceiro.

Compete aos dirigentes restabelecer a sã moral, sem olhar a compromissos e talhando a direito.

Oxalá tenham coragem para tanto.

Salazar Carreira.

Os finalistas da taça de esgrima «Coronel May» com os membros do juri

As crianças do curso de gimnástica infantil organizado pela Junta de Freguesia da Encarnação com o patrocinio de Os Sports

O GÉNIO E A LOUCURA

Nunca se sabe onde acaba o génio e a loucura começa.

O que é muito certo é que grandes obras de arte e de engenho fôram concebidas, em plena efervescência cerebral, de paredes meias com a loucura.

Dante, Shakespeare, Rodin, Camões e Junqueiro; Murillo, Rafael, Petrarcha e Gomes Leal, fôram loucos geniais.

E é preciso distinguir a loucura da maluqueira.

Ser maluco é bem diferente de ser louco.

O maluco é um ser falhado, sem o mais insignificante lampejo de inteligência criadora.

O louco é um iluminado, ardendo constantemente numa chama espiritual.

As invenções famosas são filhas do conubio do talento com a loucura.

O talento sòzinho não se atreveria a certos cometimentos, com receio do ridículo, num caso de fracasso.

Êsse grãozinho turbulento, que se aloja num cantinho do cérebro eleito, é que dá valor, é que entusiasma, é que fornece o jacto criador de vida.

Os intelectos regrados, absolutamente normais, certos como um pêndulo, andam na verdade o seu caminho muito direitos, sem escesso de velocidade e sem paragens.

Estes cérebros fazem trabalho decente, limpinho, mas nada concebem que cause admiração e traga um benefício a mais para a humanidade.

Para se produzir qualquer coisa que sáia da fôrma habitual, que fustigue a atenção das gentes, é preciso estar-se nêsse estado de germinação cerebral que só é dado aos iluminados.

■

Esta fase aparece ás vezes subitamente, num espírito até então limitado ás exigências de uma existência apagada e inútil.

E vem tocada por uma sensação de alegria ou dôr, e mesmo por uma sensação impossível de catalogar.

Surgem, depois, ideias, concepções de que o novo iluminado nunca se julgou capaz.

Decisões inesperadas forçam a sua vontade e o levam a praticar actos que o espantariam, se voltasse de repente á sua primitiva maneira de sentir.

Nem sempre êsse impulso do génio dá para lançar, aos olhos pasmados das multidões, uma obra de arte, uma invenção ou uma descoberta.

Pode ir buscar ás profundezas da alma indicações remotas até de origem atávica.

Foi o caso de São Francisco de Assis, pecador impenitente, doidivanas, que nos recessos da sua sensibilidade foi achar o veio de santidade que de geração em geração se foi lá infiltrando, e que o levou ao arrependimento e á prática do bem-fazer e da humildade.

Quando êle gastava em tertúlias a sua energia, quando pensava que a vida era prazer apenas, e procurava tirar dela a maior soma de proveito, para que a sua vida fôsse bem cheia de alegria, e só alegria, quem lhe diria que tempos andados êle se havia de sentir feliz, duma felicidade absoluta que só a paz da consciência nos pode dar, quem lhe diria, então, que para conseguir essa paz e essa ventura teria de abandonar o fausto e o exame buliçoso dos ricaços foliões, e preferir a convivência dos pobrezinhos e dos animais irracionais — mártires silenciosos de muitas maldades?

■

Santo Agostinho que tanto ralou a sua pobre mãi, com os desmandos da sua vida ruidosa, esmaltada de escândalos, e que por amor dessa mãi, que foi santa também — Santa Mónica — que soube com o seu amor e a sua doçura falar-lhe á alma e acordar nela a partícula piedosa que lá dormitava, se tornou bom, modesto, comedido, merecendo por suas virtudes um lugar nos altares da Egreja Católica, foi igualmente um caso de génio-loucura.

A "Pucelle de Orléans„ a pobre e ignorada camponeza, que a igreja sagrou como Santa Joana d'Arc, é um exemplo ainda mais frizante dêste estado de exaltação do nosso cérebro.

Ela, que era tão tímida e acanhada, fustigada pela inspiração de um momento de génio, não hesitou em afrontar a turba, os seus dichotes, a sua risota e as suas váias.

Ela sabia que ia ser insultada, corrida á pedra, escarnecida, torturada talvez.

Ela sabia que iam chamar-lhe maluca, fazer-lhe cortejo de troça na subida voluntária do seu calvário escolhido.

Nada a deteve. A luz que só ela via desfez-lhe as trevas do mêdo e desempediu-lhe o caminho. E a multidão é de temer.

Qualquer criatura isolada, ao vêr passar um iluminado, sereno, puxando pela carga preciosa da sua fé, cheio da divina graça, olha-lo-ia com admiração e respeito.

Mas, agregada á multidão, essa criatura, boa e respeitadora das crenças alheias, torna-se cruel, agressiva, e não faz questão de alvo para os seus insultos.

Joana salvou a França, porque, mesmo depois de queimada como feiticeira, a sua lembrança continuou animando o exército francês, e o seu vulto divino comandava de facto com mais sugestiva autoridade no espírito dos soldados, do que os melhores generais.

Génio ou loucura! Sabe-se lá?

Eu, por mim, venero êsses heróis, pela sua coragem, pela sua resignação, e pelo seu desprezo pelos bens deste mundo.

Mercedes Blasco.

Esopo, o escravo genial que foi apodado de louco

Joias, encanto da mulher

Qual é a mulher que se não seduz com o brilho das joias, com o seu fulgor? Raras são as que resistem ao seu encanto e à tentação de fazer realçar a sua beleza, com a doçura dum colar de pérolas, com o chispar duns diamantes nas orelhas

Desde a negra selvagem do interior de África, que cobre os seus tornozelos e os seus pulsos de argolas de metal, e enfeita o pescoço e o decote com colares de contas e missangas à mulher mais requintadamente elegante, que põe nos seus formosos cabelos um diadema em brilhantes, um colar em volta do seu delicado pescoço, um anel nos seus afusados dedos, um bracelete cingindo-lhe o pulso delicado, tôdas sentem a tentação de adornar com joias, êsse ídolo pagão, que é o seu eu, a sua pessoa.

Porque a vaidade feminina faz com que a mulher se idolatre e tenha muitas vezes o único pensamento de viver para a sua beleza, lamentemos a mulher que assim pensa, tenhamos um pouco de indulgência para uns pequenos assomos de coquetismo, que levam a mulher a querer enfeitar-se e ser bela.

Quando uma mulher é verdadeiramente bela não precisa do brilho das joias para se distinguir, no entanto a verdade é que a beleza da mulher se expande e aumenta, com a felicidade, com a admiração, e, com o brilho das joias.

Os brincos com o tom suave das pérolas, ou o brilho ofuscante dos brilhantes, aumentam a expressão e a doçura do olhar ou vivificam com o seu brilho, a sua natural beleza.

Os aneis chamam a atenção para uma bem modelada mão.

Não é pois para estranhar a predileção da mulher pelas joias. Em tôdas as épocas em tôdas as regiões, em tôdas as classes, a mulher amou com delírio, com paixão, a joia.

Entre as joias a mais bela é sem dúvida a pérola. Nada torna uma mulher bela como um fio de pérolas em volta do pescoço, duas pérolas brilhando sôbre o róseo das duas lindas orelhas.

Mas a pérola que foi até há pouco o delírio de tôdas as mulheres tem passado de moda, talvez devido ao excesso de imitações, que inevitavelmente a popularizaram, fazendo-lhe perder essa distinção que a tornava única como joia e como adorno.

A joia como tudo tem modas e a joia moderna marca bem a nossa época, nos desenhos, na cravação, e, na harmonia que a distingue. Uma linda mulher com um belo vestido rico, fica elegantíssima, mas... falta-lhe qualquer coisa, por mais graciosas que sejam as pregas da sua saia, por mais assetinada que seja a pele dos hombros que sae do decote.

Mas põe um colar, um bracelete e fica iluminada como por um raio de sol, a figura esbelta que o vestido modela. E' talvez esta razão que faz com que as mulheres sintam essa atração violenta pelas pedrarias.

Na joia moderna temos a admirar não só a beleza das pedras, o seu tamanho, o seu valor, a montagem delicada, mas o engenho que faz com que sejam numerosas as joias transformaveis.

O colar de hoje separa se em dois lindos braceletes que ornam graciosamente os braços de alabastro, o broche desarma-se, forma dois «clips» e uma fivela para o cinto.

Os brincos reunem-se e formam um «pendentif».

E arte do joalheiro vê-se associada, a esta necessidade de movimento, de coisas novas, que é a característica da humanidade de hoje, ávida de mudanças, de coisas diferentes. O próprio desporto hoje integrado na vida dos homens, tem nas joias a sua repercussão.

Os diamantes que dantes ornavam sentimentalmente uma miniatura duma pessoa querida, recordação de amor ou de amizade, tornam-se hoje nas velas dum «yacht», ou melhor ainda nas azas dum avião.

Isto torna mais viva a arte do joalheiro, mas mais difícil ainda porque, sem ridículo, tem de se integrar na vida tumultuosa, da gente de hoje, vida tão palpitante, tão movimentada, que só ao turbilhão da tempestade póde ser comparada e à qual é difícil prever o futuro.

Estamos longe das joias antigas dêsses diademas pesados, mas artísticos que enfeitavam as cabeças arquitetonicamente penteadas de arqui-duquezas e titulares. As corôas que davam às rainhas tôda a majestade. Essas joias que só em palácios reais e através dos vidros de coches dourados se entreviam.

Hoje o diadema é pequeno e delicado e apenas segura os ligeiros caracois duma cabeleira loira e leve, ou os pesados bandós dum negro cabelo ondeado.

Mas as famílias que conservam essas joias como relíquias, não se devem desfazer delas nem modificá-las, porque as joias têm uma alma e falam do passado, dizem-nos a vida de quem as usou e falam-nos à alma. Uma joia antiga representa sempre uma história, presente de noivado, passa de mãe para filha através de vidas e de gerações essas joias falam de alegrias vividas, de tristezas ocultas e quantas vendidas, de mão em mão, não nos falam da aflição em que foram sacrificadas a uma necessidade da vida, lágrimas de mãe ou de esposa, sacrifício filial, quem sabe o que essas joias viram, quem sabe a que desgraças valeram.

■

E dentro de anos, de séculos, a joia moderna, essa joia que marca a vivacidade da vida da nossa época será também uma joia antiga, terá vivido noites de triunfo em hombros e cabeças jovens, noites inolvidáveis, em que a beleza das suas donas viveu tôda a satisfação e vaidade, da embriaguez de se sentir nova e bela e admirada e amada, essas horas que a mulher conhece e nunca esquecerá.

Passará mais tarde como herança para mãos filiais, que receberão por entre lágrimas de saudade, será talvez empenhada, vendida para valer a aflições e terá vivido porque a vida é feita de sorrisos, de alegrias, de lágrimas e de tristeza.

E o que pensaremos é que essas pedras ofuscantes, que brilham e fazem brilhar a beleza feminina durarão, mais do que as suas possuidoras. Os anos murcharão a sua beleza e as pedras duras e brilhantes serão sempre belas e puras, atravessarão tôdas as crises, tôdas as dores, tôdas as alegrias com o mesmo frio relampejar das suas mil luzes.

E a joia antiga, moderna, de ontem ou de hoje, será sempre cubiçada, ardentemente desejada, pela vaidade, pelo coquetismo da mulher de tôdas as épocas.

E não há maneira de fugir à sua sedução, enquanto o desejo de agradar fôr deste mundo.

Maria de Eça.

FIGURAS DA TELA

A feliz carreira de Carole Lombard

Alguns pormenores sôbre a vida íntima da bela actriz

A' esquerda: *Carole Lombard numa cena dum filme com William Powell, de quem esta divorciava.* Em baixo: *A artista numa criação que evidencia as suas faculdades interpretativas*

O nome de Carole Lombard ocupa hoje um lugar de destaque no cinema e no espírito dos seus admiradores, que são numerosos. Justifica-se, portanto, que dediquemos à formosa artista algumas linhas que revelam a sua carreira, em boa verdade mais determinada pela sorte do que pelo seu esfôrço.

Carole Lombard, do seu verdadeiro nome Jane Alice Peters, descende duma família abastada. Seu avô, além do ser há muitos anos um dos maiores accionistas do National City Bank, foi director da emprêsa que custeou a instalação do primeiro cabo submarino que cruzou o Atlântico. Foi também figura em destaque na indústria e contribuiu com os seus recursos económicos para a instalação das primeiras centrais eléctricas instaladas na Califórnia.

Tinha Carole sete anos de idade quando chegou com sua mãi e seus dois irmãos a Hollywood. Não era o cinema que ali a atraía. Uma intensa propaganda turística se fazia nêsse tempo na América, exaltando as belezas naturais da Califórnia. Adoentada, a mãi resolvera seguir êsse destino, com a intenção de ali repousar seis meses. A sedução do clima e da paisagem venceu-a, porém, e levou-a a adiar indefinidamente o regresso.

Pouco tempo depois de ali chegar, Carole começou a frequentar a escola primária de Cahuenga, um dos estabelecimentos do ensino público de Hollywood. Fez depois o curso secundário na escola de Virgil e matriculou-se por fim no Instituto Geral e Técnico de Los Angeles.

Tôda a infância de Carole decorreu no mais íntimo convívio dos seus dois irmãos, um mais velho do que ela e outro mais novo. A influência dêstes na formação do caracter da futura artista foi enorme. Habilitaram-na à prática de todos os desportos, anulando assim, ainda que inconscientemente, tudo o que uma educação requintada lhe poderia ter dado de doentio e artificioso. Aos 16 anos, Carole era uma mulher na plena posse das suas seduções, mas senhora de si, dos seus nervos e dos seus músculos, que possuia duas medalhas ganhas em corridas pedestres e saltos em altura. As suas graças femininas não eram, porém, prejudicadas por êste facto, antes pelo contrário.

Já na escola, Carole revelara uma viva vocação para a arte dramática. Era sempre escolhida para figurar nas récitas dos alunos, pelas suas admiraveis disposições para a cena.

Carole com Clark Gable, um dos numerosos galãs do cinema que com ela tem contrascenado

Mas a vida desafogada que levava parecia destinada a afastá-la da carreira artística.

Frequentava ainda o Instituto de Los Angeles quando foi convidada para um banquete. Encontrou-se ali com um director da «Fox». Conversaram e em certa altura êste propôs-lhe que entrasse para a sua companhia, porque em seu entender, reunia condições excelentes para vir a ser uma grande artista.

«Aceitei sem hesitação — diz Carole ao referir-se a êste facto — pois não desejava outra cousa. Na realidade nunca esperei que a sorte me sorrisse tão cedo. Minha mãi ficou contrariada por eu ter aceitado a proposta, pois era de opinião que eu não deveria começar a trabalhar sem ter concluido os meus estudos».

Assim, Carole Lombard pertence ao número extraordinariamente reduzido das artistas que não começaram a sua carreira pela profissão inglória de figurante. Estreou-se numa comédia com Edmund Lowe e tão bem se houve que logo foi escolhida para os papeis principais de três filmes de «cow boys» — dois com Buck Jones e um com Tom Mix.

Ainda não terminara a última película dessa série quando Mack Sennett lhe propôs um contrato para realizar vários filmes curtos de carácter cómico. Alguns amigos bem avisados aconselharam-na a aceitar, fazendo-lhe ver que a experiência adquirida nesses filmes curtos lhe seria altamente proveitosa e lhe abriria o caminho para obras de maior vulto. Citaram-lhe a propósito o exemplo das muitas artistas que começaram a sua carreira como intérpretes das comédias de Mack Sennett. E em vista de todos êsses argumentos Carole decidiu aceitar a proposta que lhe era feita.

«O meu primeiro dia no estúdio de Mack Sennett foi de bom agoiro — conta ela. — Destinaram-me o camarim conhecido pelo da «sorte» e que fôra anteriormente ocupado por Glória Swanson, Bebe Daniels e outras que chegaram a artistas de cinema de primeira grandeza.»

Duas companheiras inseparáveis: Carole Lombard e sua mãi

Pouco antes de terminado êste novo contrato, Paul Stein, um director da «Pathé», procurava um tipo especial de mulher para intérprete dum filme que êle ia dirigir e em que os principais papéis seriam desempenhados por Eddie Quillan e Lina Basquette. Certo dia Paul Stein viu Carole numa das suas comédias curtas e reconheceu ter encontrado o que procurava. Contratou-a e Carole veio assim a produzir cinco filmes para aquela emprêsa.

Estava a sua carreira nesta fase auspiciosa quando um terrível desastre de automóvel sobreveio. Carole sofreu vários ferimentos de gravidade no rosto, que ameaçavam inutilizar o seu futuro como actriz. Um dos mais notáveis cirurgiões foi chamado e com tal perícia procedeu que conseguiu evitar que lhe resultassem cicatrizes visíveis. Com efeito, ninguém dirá hoje que ela teve em tempo a cara desfigurada por um acidente.

Numa ocasião em que a «Pathé» reduziu a sua produção, Carole obteve que o seu contrato fôsse rescindido. Passou então para a «Paramount», onde interpretou papéis gradualmente mais importantes. Aí conheceu William Powell e uma estreita amizade ligou os dois artistas. Casaram mas não encontraram na vida em comum a felicidade que tinham sonhado. Resolveram por isso divorciar-se sem deixarem por isso de ser excelentes amigos.

Carole Lombard tem trabalhado ùltimamente com George Raft, com quem forma um par altamente apreciado no cinema. Foi também «leading lady» de John Barrymore no filme «Século Vinte», e não perde ocasião de manifestar a grande admiração que lhe consagra.

«Com John Barrymore — diz ela — aprendi muito. É na realidade um grande actor e quem trabalha com êle não pode subtrair-se à inspiração que produz o impulso artístico que o anima.»

As mãos de Carole Lombard são consideradas as mais bonitas de Hollywood. Freqüentemente se faz alusão a elas entre a população dos estúdios e Carole, que o sabe, dedica-lhes um cuidado minucioso. Ás senhoras a quem o pormenor possa interessar diremos que pinta as unhas de vermelho vivo.

A' direita: *Artista consciencioa, Carole estuda atentamente as suas próprias películas, para em caso de necessidade as corrigir.* Em baixo: *Aos três anos de idade, Carole deixava já adivinhar a formosura que mais tarde havia de distingui-la*

A sua grande paixão são as safiras. Possui grande quantidade delas. Últimamente comprou uma de invulgar tamanho e que pode notar-se no seu retrato que fecha estas páginas.

Como já dissemos pratica vários desportos e neles confia para manter a flexibilidade e equilíbrio do corpo. Nos últimos tempos interessou-se pela aviação. Propõe-se tirar o curso de piloto, para o que já começou a dar lições, e comprar depois um avião.

Apesar da educação livre que recebeu, Carole Lombard é conhecida pela sua simplicidade e modéstia. Não desdenha as ocupações domésticas e os que vivem na sua intimidade asseguram que é uma admirável cozinheira, aptidão que nêstes tempos não é para desprezar.

Um belo retrato de Carole Lombard, em que pode notar-se na mão da artista uma safira, pedra que constitue uma das paixões dominantes

ANECDOTAS

No dia da estreia da primeira peça de Bernstein que subiu à cena, o célebre dramaturgo salvou com rara habilidade e presença de espírito, uma situação difícil. O maquinista por engano fez subir o pano antes do tempo, descobrindo para o público o autor que dava no palco as últimas instruções á protagonista. Na sala, os espectadores conservavam-se na espectativa.

Durante alguns segundos, o dramaturgo e a actriz ficaram muito perturbados, mas Bernstein recuperou o sangue frio e dirigindo-se à actriz disse-lhe como se recitasse o seu papel.

— Muito bem, minha senhora, levo o relógio e prometo trazer-lho àmanhã consertado.

E inclinando-se, saiu da cena. O ridículo que lhe poderia ter sido fatal, fôra evitado. Entretanto, a actriz recuperara a serenidade e começou a recitar o seu papel.

O facto passou completamente despercebido ao público, mas não a Sarcey, terrível crítico teatral, que no dia seguinte não deixou de fazer notar aos seus leitores a vulgaridade absolutamente supérflua da primeira cena. Mas um dia depois a sua vaidade de crítico teve a satisfação de poder dizer em comentário à segunda representação:

"Devemos notar que o sr. Bernstein suprimiu a inútil cena inicial do relojoeiro. Congratulamo-nos por ter sabido aproveitar os nossos conselhos."

■

Um chinês foi admitido como cozinheiro numa casa e os outros criados antes de o admitirem na sua intimidade resolveram sujeitá-lo a um certo número de "provas".

Começaram por lhe encher de areia os sapatos, espalharam-lhe alfinetes na cama, esconderam-lhe os objectos do uso pessoal e outros gracejos de mau gôsto. O chinês mostrou em tudo a resignação e paciência da sua raça. Sacudiu a areia dos sapatos, tirou os alfinetes da cama e procurou o que lhe faltava, tudo sem o mais leve murmúrio de protesto.

Vencidos por esta docilidade, os outros resolveram finalmente pôr termo às brincadeiras e dirigiram-se-lhe nestes termos:

— Já deves ter percebido que tudo o que te temos feito era para te experimentar. Mas tudo isso acabou e de hoje em diante passas a ser nosso amigo.

— Não me fazem então mais "partidas", como nestes últimos dias? — preguntou o chinês.

— Não.

— Não me metem mais alfinetes na cama, nem areia nos sapatos, nem me escondem as cousas?

— Acabamos com isso.

— Nesse caso, — declarou com solenidade o chinês — eu tambem deixo de cuspir no vosso café.

■

— Minha mulher fugiu com o meu melhor amigo.

— Ah! Sim? Mas quem é êle?

— Não tenho a mais pequena idea.

■

Uma senhora idosa e faladora dirige-se a um pescador que acaba de retirar da água, suspenso da ponta do seu anzol, um belo peixe prateado.

— Parece impossível! Fazer mal a êsses pobres animalzinhos... Não lhe parece uma crueldade.

— Olhe, minha senhora — responde o pescador mal humorado — o que me parece é que se êste peixe estivesse com a boca fechada nenhum mal lhe teria acontecido.

■

— Vai então acudir a algum incêndio? — preguntou o polícia em tom sarcástico ao automobilista que mandara parar por excesso de velocidade.

— Não, senhor. Mas quero evitar um.

— Evitar um incêndio? Como?

— É que minha mulher deita-me fogo se não chego a horas para a acompanhar ao teatro.

■

O dono da casa para o velho criado:

— José, que barulho foi êste que ouvi durante tôda a noite passada.

— Queira desculpar, meu senhor. Eu e a cozinheira festejavamos as nossas bodas de prata de casados.

— Bem, bem... Isso que não torne a acontecer.

■

Ela (em tom solene) — Não, meu amigo, não posso casar consigo porque não o amo. Mas se quiser serei para si uma irmã.

Ele — Pois bem. E quanto pensa que seu pai nos deixará em testamento?

■

Um crítico teatral espanhol referiu-se um dia num artigo seu a uma actriz falando dos seus "infinitos méritos".

No dia seguinte verificou com pasmo que, devido a uma "gralha" tipográfica saíra publicado "ínfimos méritos". Escreveu imediatamente a rectificação nos seguintes termos:

"Não escrevi os ínfimos méritos da actriz X..., mas sim os "infames méritos".

Impunha-se nova rectificação. E foi o que o crítico fez publicando o seguinte:

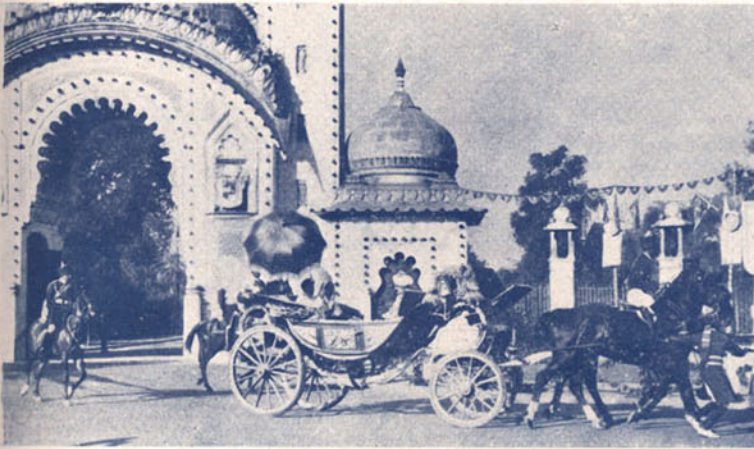
"Decididamente, o destino encarniça-se contra a referência que fiz à actriz X... Não escrevi os seus "ínfimos méritos" e muito menos os seus "infames méritos" mas sim os seus "íntimos méritos".

Desesperado e temendo alguma "gralha" mais grave, o crítico resolveu desta vez pôr ponto final na questão.

NUM CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

— Queiram desculpar se os interrompo, meus amigos, mas parece-me que tive uma idea.

Esplendores das mil e uma noites no século XX

EM CIMA: *O marajá saindo do seu palacio numa carruagem de ouro.* A' DIREITA: *Um elefante ajaezado que tomou parte na procissão comemorativa*

O marajá Gaekwar, chefe do Estado indiano de Baroda, celebrou em princípios dêste ano as suas «bodas de diamante», cujas festividades se prolongaram durante dez dias. O facto deu lugar a uma deslumbrante exibição de luxo asiático, digno dum conto das mil e uma noites. Gaekwar, chefe dum povo de dois milhões e meio de habitantes, teve origens obscuras. Aos doze anos foi adoptado pela viuva dum príncipe indiano, e mais tarde, por influência do Residente inglês, ascendeu ao trono de Baroda. E' considerado um dos mais esclarecidos chefes da India.

AO CENTRO: *O marajá Gaekwar.* DOS LADOS: *Combates de elefantes e búfalos, que fizeram parte do programa das festas*
EM BAIXO: *Papagaios amestrados que se exibiram durante os dez dias das comemorações*

A espôsa do marajá com o costume indu

PÁGINAS FEMININAS

Vi há dias em quatro linhas duma coluna de jornal, a notícia da morte de Jean Patou o célebre costureiro, que na sua época áurea vestiu tôdas as elegantes de Paris e que com a sua fértil imaginação, inventou, estação após estação, a moda que vestiu a mulher de todo o mundo, aquela que pretende ser elegante.

Essa pequena notícia passou talvez despercebida à maioria das leitoras, ou se a leram foi com a maior indiferença.

E no entanto essa indiferença é ingratidão porque o costureiro é um artista, que como todos os artistas merece o maior interêsse e é o artista, que dedica o seu talento ao embelezamento da mulher, e esta que tem em geral pela sua pessôa êsse culto pagão do narcisismo, deve-lhe o maior reconhecimento pela forma como êsse artista trata de a tornar mais bela, de fazer sobresair a elegância da sua linha, a côr da sua cútis, a beleza dos seus olhos.

É com carinho que o lápis do costureiro traça o desenho do novo modêlo, é pensando na elegância máxima que a mulher, pode atingir e Patou foi um dos costureiros que mais delicadamente tratava de fazer da parisiense a rainha da moda mundial, a mulher que dificilmente é igualada e que conserva o ceptro de soberana da moda.

Esse homem que viveu entre rios de setim e nuvens de tule, que manejou os mais leves e suaves veludos, que lançou a moda das «lamés» para vestir de ouro e de prata o ídolo feminino, merece à mulher de todo o mundo uma pequenina lágrima de gratidão, pelo esfôrço dispendido em torná-la deliciosamente sedutora.

Dir-me-ão «era o seu modo de vida, ganhava o seu pão com essa arte». Naturalmente, que assim era mas sucede o mesmo com o músico que nos deixa as suas melodias harmoniosas, com o poeta que nas suas estrofes põe tôda a sua alma, com o escultor, que em estátuas magníficas enriqueceu o tesouro da humanidade; com o pintor que nas suas telas divinalmente eternas nos lega a máxima beleza.

Todos trabalharam para viver e para comer, alguns enriqueceram e no entanto todos lhes devemos a maior gratidão e a mais profunda admiração. Quem é que não sente orgulho de pertencer à humanidade, quando contempla ou ouve uma dessas maravilhas?

Assim como o joalheiro que cria jóias artísticas, que são património humano merece a nossa admiração, também o artista que consegue fazer da mulher com o desenho do seu lápis, com a combinação de tecidos, com a harmonia das côres, uma obra prima de elegância, merece o agradecimento da humanidade.

Não só a mulher lhe deve ser grata por a ter tornado, mais bela, mas também o homem que é afinal para quem ela se quer fazer bonita, deve ser grato ao artista que lhe permite admirar tão lindas «toilettes» e mulheres tão belas.

Pobre Jean Patou, que ainda desenhou talvez a moda da primavera, essa moda, que vai fazer reviver de novo a mulher, renová-la com os seus trajos, rejuvenescê-la, como o fazem às árvores as fôlhas verdes, que começam a despontar e que revestirão de novas galas os seus troncos rugosos ou não.

Talvez que o seu último pensamento fôsse ainda a criação de novas belezas, e, como é ingrata a sua arte que não merece talvez à mulher um pensamento saudoso.

Mas que a mulher na sua vaidade imensa conserve no seu coração a gratidão, como a concha conserva a pérola, e que o desaparecimento de Patou dêste mundo seja comemorado com uma saudade e uma tristeza, leves talvez como os tules, que êle artìsticamente enrolava nos esbeltos corpos femininos, mas que demonstre que tem coração e sabe sentir. — **M. de E.**

A moda

A Primavera começou oficialmente no dia 21 de Março e todos esperamos com anciedade o que nos traz a moda da primavera, que é sempre a esperança do bom tempo, das alegres manhãs de sol, das tépidas brisas e das flores, a mais bela dádiva de Deus aos homens, essas flores perfumadas e belas que nos alegram a vida.

Começam a aparecer os tecidos leves e claros de côres alegres, que nos fazem sentir a aproximação do bom tempo. Mas o que mais ràpidamente aparece na moda de primavera é o chapéu.

Nos vestidos não se pode ainda fazer grandes mudanças, há manhãs agrestes e tardes em que o vento nos faz aconchegar com prazer as peles, mas a cabeça não sente frio e é por ela que se inaugura a moda da primavera.

E, para notar que os chapéus êste ano nos aparecem muito enfeitados e nós que estamos habituados aos chapéus quási sem guarnição, saudamos com prazer a novidade das guarnições. Damos hoje às nossas leitoras, uma página em que podem fazer a sua escolha de chapéu de meia estação.

Um dèles é um chapéu grande duma elegante linha e que faz realçar a beleza de qualquer mulher; é um chapéu que já pode ficar para o verão, o que o torna bastante económico.

Em palha «llamos» de côr de âmbar é guarnecido com um pássaro branco porque minhas senhoras, voltam a usar-se os pássaros como guarnição de chapéus (na moda tudo volta) e o que nos fazia sorrir há uns anos é agora acolhido com entusiásmo. Nunca devemos troçar duma moda passada, porque estamos sempre arriscadas a usá-la.

Para «toilette», visitas, um chá, uma «matinée» temos um elegantíssimo modêlo em setim preto, uma pequena «toque» guarnecida com uma linda pluma de avestruz, azul «royal». Laços em veludo azul seguram atrás o pé da pluma e guarnecem a parte de trás da graciosa «toque», que é tudo o que há de mais elegante e mais novo, na moda das guarnições de chapéus.

Dois outros lindos modêlos se oferecem á escolha das nossas leitoras. Um dèles tem a aba levantada na frente e é feito com uma imitação da palha panamá, em papel preto, guarnece-o uma fita de «faille» preto que forma na frente um laço elegante, que dá ao chapéu o maior realce. Este chapéu só serve para as senhoras a quem fique bem a testa descoberta, o que é muito para atender. Há senhoras que se preocupam só que o chapéu seja da última moda, sem se importar, que as favoreça ou não.

A seu lado temos um chapelinho encantador, dêstes que a tôdas ficam bem, em palha grossa, azul escura, guarnecido com umas lindas asinhas que lhe dão a maior elegância.

Para a noite temos a última novidade nos vestidos de baile, a longa e grande «echarpe». O vestido muito colado ao corpo em setim preto tem como única guarnição a «echarpe», em gaze azul pálido, o pálido tom dum céu de inverno. Passa debaixo duma das alças do vestido e pode enrolar-se nos braços de várias maneiras acompanhando a cauda do vestido.

Estas «echarpes», que também podem ser em tule são dum lindo efeito sôbre os vestidos que moldam o corpo (e só com estes se devem usar) e são muito confortáveis porque livram duma corrente de ar frio, que tanto incomoda as senhoras decotadas. Estas «écharpes» usam-se sempre num tom que faça vivo contraste com os vestidos. Sôbre o negro as mais delicadas côres.

Higiene e beleza

Cada vez é maior a tendência feminina para alourar o cabelo. Empregam se vários sistemas mas a maioria estraga o cabelo. Nada melhor do que experimentar a receita das mulheres árabes. Lavar os cabelos cuidadosamente, tomar uma mão cheia de fôlhas de «henné», pô-las numa pequena caçarola sem água e aquecê-las a banho-maria durante meia hora. As fôlhas secam e pulverisam. Tira-se do lume acabam de se reduzir a pó, por meio do almofariz, depois junta-se um copo de vinho tinto para formar uma massa bastante consistente.

Aplica-se sôbre toda a cabeça servindo-se duma espátula. Cobre-se a cabeça com uma toalha e com uma pasta de algodão. Conserva-se esta cataplasma mais ou menos tempo segundo a côr mais ou menos clara que se deseja. Em seguida lava-se a cabeça em várias águas até o cabelo ficar bem limpo e solto.

Uma pequena nota ás nossas leitoras, o alourar o cabelo não fica bem a todos os tipos.

A época e as suas transformações

Uma das maiores dificuldades a superar nos nossos dias, é a modificação nos sentimentos morais dos dois sexos.

Está tudo mudado no que toca a sentimento e em tudo o que diz respeito á vida moral e sentimental. Dantes lamentava-se, e com razão, a sorte das mulheres dos marinheiros, porque era dura a vida da companheira dum homem que se arriscava continuamente na labuta com o mar. Hoje temos de lamentar também e não com menos razão os maridos das aviadoras. Um dia sabe-se, que partiu uma aviadora para Madagascar, no dia seguinte outra atravessou o Oceano Atlântico, outras participaram em festas de aviação, ganhando «records» de velocidade e distância. Durante êsse tempo os maridos dessas mulheres corajosas, ficaram em casa esperando a mensagem rádio-telefónica, que lhes anunciasse, não antes que a tôda a gente, o triunfo ou a derrota da sua cara metade, da mãe de seus filhos. E' difícil ser marido duma mulher célebre, e, apesar de tudo, a heroína precisa dum ombro onde apoiar a sua cabeça coroada de louros. Mas emfim tudo se arranja e a verdade é que há alguns casais felizes nestas condições.

A mulher da Índia

Não há dúvida, que as mulheres indianas se estão torrando conhecidas na Europa e na América. Uma destas mulheres é Kapila Khaudawalla.

Pertence a uma família da melhor casta das famílias indus, muito nova ainda, tem tomado parte ém vários movimentos a favor do progresso, tendo cursado a Universidade de Bombaim e com o curso de professora é também membro da «All India Educational Conference».

Tem trabalhado muito em obras sociais e está actualmente tirando o curso de sociologia em Nova York. De uma mentalidade aberta tem se mostrado sempre adversária dos preconceitos de raça, que tantos conflitos causam na India. Tem tendências idealistas e recebeu uma esmerada educação de seus pais. Seu pai é um conhecido doutor de Bombaim, que está fazendo na Califórnia um estudo de religiões comparadas, e, é conhecido o seu interêsse pelas reformas políticas e sociais no que é ajudado por sua espôsa, que o aconselha a ser fiel aos seus princípios aconteça o que acontecer.

Receitas de cosinha

Fricassé de cabrito: 1.º Cortam-se aos bocados não muito grandes, 750 gramas de cabrito (lombo ou perna); colocam-se numa caçarola mais alta do que larga, para que os bocados fiquem bem empilhados; cobrem-se de água fria (cêrca dum litro); juntam se-lhe 10 gramas de sal. Logo que ferva deitam-se-lhe 30 gramas de cenoura, uma cebôla picada, um cravo da India e um ramo de cheiros. Deixa-se cozer tudo lentamente, durante 40 minutos. 2.º Ora com caldo, ora com água acrescenta-se o fricassé, deita-se-lhe como um ovo de pomba de manteiga; cozem-se também 12 cebolinhas. Preparam-se 200 gramas de «nouilles» que se cozem em água temperada com sal (8 a 9 minutos) ligando-se com manteiga à última hora. Misturam se numa caçarola 40 gramas de manteiga e 40 gramas de farinha, mexe-se esta mistura em cima dum lume brando até tomar uma côr alourada. 3.º Retiram-se para uma travessa os bocados do cabrito, deitam-se 8 decilitros de água para dissolver o refogado, temperar com um pouco de pimenta, noz moscada, sal, se fôr preciso. Atingida a ebulição mexe-se dentro dêste môlho deitam-se os bocados de cabrito e cebôlas, ferve durante meia hora. No final juntam-se-lhe duas gemas de ovos, dissolvidas em leite. Deita-se o refogado num prato coberto, semeia-se por cima de salsa picada e serve-se com as «nouiles» como acompanhamento.

De mulher para mulher

Desolada: A sua desolação é compreensível, em parte, mas se assim estima os seus pais, não devia ter casado. A mulher que casa tem o dever de acompanhar o marido para tôda a parte. Se sabia que êle tinha propriedades em Africa, devia compreender que não era possível de maneira nenhuma, êle não voltar a Africa. Promessas que se não deviam fazer, mas que se fazem um pouco no ar. Acompanhe-o é êsse o seu dever e continue a adorar seus pais, que não pódem estranhar que cumpra o seu dever.

Violeta: São bonitos e graciosos êsses chapéus de palha que aparecem agora, mas não posso afirmar que seja esta a moda que fica. Ela varia tanto que nada se póde assegurar nesse assunto. O branco é sempre lindo e fica bem em tôdas as idades.

«Marlène». Não seja tão apaixonada do cinema, é uma doença da mocidade de hoje, não queira ser parecida com ninguém, seja original, que é o mais interessante, cada pessoa, deve ter o seu cunho especial e creia que até é ridículo essa mania de imitar as estrêlas de Holywood.

Pensamentos

Ser bela é muito, mas não é tudo. As qualidades de educação e de alma é que tornam a mulher superior.

Um dos maiores tesouros do homem é a confiança em Deus.

A felicidade consiste em contentar-se cada um, com a sua sorte.

Que importa o envelhecer, quando se sabe aproveitar as vantagens de cada idade.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

CORREIO

Sileno. — Lisboa. — Muito e muito obrigado por tantas gentilezas. Como foi retirado do número anterior um dos seus belos trabalhos, por falta de espaço, vamos procurar publicar neste os dois cuja oportunidade tem de ser respeitada. Entretanto aguardamos com muito interêsse a sua prometida colaboração.

Vir Invictus. — Coimbra. — Com muito prazer dou acolhimento ao seu pedido e com muito gôsto publicarei os seus apreciados trabalhos, que virão engrandecer e valorizar a minha secção. Para seu interêsse e orientação comunico-lhe que o meu regulamento não admite nem *transpostas* nem *eléctricas*, pelo que ficam em suspenso os trabalhos com os n.os 39 e 48.

Cá o espero brevemente, com mais artigos e, se fôr possível, listas de decifrações.

Dr. Sicascar. — Luanda. — Gostosamente dou satisfação ao seu pedido e agradeço a remessa de trabalhos que se dignou enviar-me. Pena é que tenha sido tão modesto na sua expansão charadística... Veio tudo em ordem e serão publicados alguns dêsses artigos, possivelmente, neste número. Como fico a contar desde já com a sua colaboração futura, espero que o próximo barco me trará uma agradável surpresa nesse sentido. Os meus agradecimentos.

APURAMENTOS

N.º 46

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MAGNATE
N.º 21

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

FREI SATANAZ
N.º 18

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 14, Veiga; n.º 19, José Tavares

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 21 pontos:
Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 19. — Salustiano, 17. — Rei-Luso, 17. — Só-Na-Fer, 17. — Só Lemos, 17. — Sonhador, 16. — João Tavares Pereira, 16. — Lamas & Silva, 14. — Salustiano, 14

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 9. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 7

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 55

DECIFRAÇÕES

1 — Nevo-voa-névoa. 2 — Transi-sito-trânsito. 3 — Tapa-pagem-tapagem. 4 — Sara-rasa-sarasa. 5 — Caroço. 6 — Rascasso. 7 — Chapada. 8 — Orate. 9 — Tenreiro-tenro. 10 — Tafulho-talho. 11 — Tinelo-tilo. 12 — Valente-vate. 13 — Abada-Ada. 14 — Conquista-conta. 15 — Axioma (A(X(IO)M)A). 16 — Nulo. 17 — Cão-tinhoso. 18 — *Perfeito-perto.* 19 — Fingido-findo. 20 — Famular-falar. 21 — *Tempo à choca e tempo a quem a joga.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) *Abranda* a *exclamação* à passagem da *marcha militar.* (2-2) 3.

Lisboa — *Rás Kassa*

2) *Escolhe* êste romance *encantador,* que te aperfeiçoará *a alma.* (2-2) 3.

Coimbra — *Vir Invictus (C. C. C. — L. A. C.)*

NOVÍSSIMAS

3) *Sòmente* um *calhau* te acabava com a *manha*... 1-2.

Lisboa — *Chim Pan Zé*

4) Tenho *dois mil réis* e uma *planta canácea* para dar ao *europeu.* 2-2.

Luanda — *Dr. Sicascar*

5) Eis o teu *senão: invejoso* e pouco *cuidadoso!* 2-3.

Tomar — *Mar Said*

SINCOPADAS

6) Não seja *vaidoso* em ter o *instrumento para matar carneiros.* 3-2.

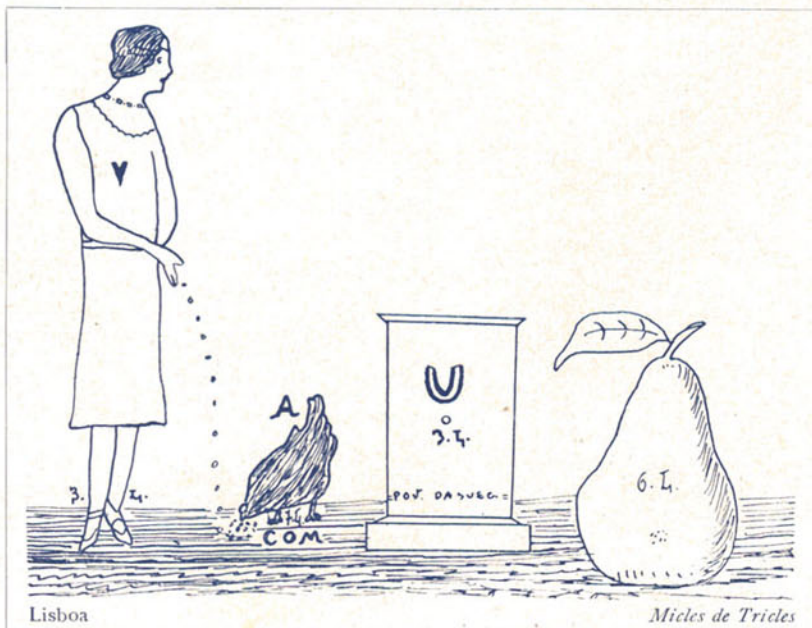
Lisboa — *Caçador*

7) Quem muito se «*queixa*» não põe o coração ao «*largo*»... 3-2.

Lisboa — *D. Pepita.*

TRABALHOS DESENHADOS

12) ENIGMA FIGURADO

Lisboa — *Micles de Tricles*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

8) Um certo fruto encarnado
E' por seis letras formado.
Se no meio lhe colocar
Mais cinco vai encontrar
De pronto certa «*bebida*»
No Verão apetecida.

Luanda — *Ti-Beado*

LOGOGRIFO

9) Clama o Duce (e o seu *partido*) — 2, 1, 4, 9, 8.
Contra o *crime* das sanções... — 7, 1, 5, 8, 2.
E *enérgico* e decidido — 5, 6, 9, 3, 1.
Arma um «sarilho» às nações.

Se o deixam sem petròline.
Que *risco!* Ai das que concordem! — 2, 6, 9, 3, 1.
Cabeçudo, Mussolini — 3, 1, 2, 3, 6.
Lhes dirá como elas mordem...

Julgara que era *chegar* — 1, 2, 3, 8, 9.
Voar e matar sem dó... — 9, 6, 3, 4, 9.
Tão fácil como espetar
Palitos em pão de ló...

Queimar de *fio* a pavio — 2, 4, 9, 3, 8.
Templos, o país inteiro... — 5, 4, 7, 6, 2.
E em vão! Constata, *sombrio,* — 3, 1, 3, 9, 6.
Que foi cair num vespeiro!

Que império podia ter,
Gastando tantos milhões,
Se os gastasse em obter
E a fecundar concessões...
Sem *matar*... e sem morrer!

Lisboa — *Sileno*

NOVÍSSIMAS

10) *Além disso,* a Joaninha — 1
E' maluquinha!
E eu não quero enganar, não,
O coração!
Eu não lhe tenho amizade,
E nem *vontade.* — 2
Fujo sempre de mentir,
A *preferir*
Que de mim possam dizer
Que não sei ser
Um homem de coração.
Lá isso não!

Lisboa — *Kossor*

SINCOPADAS

(Ao Sileno, imitando o seu estilo...)

11) Da discussão nasce a luz...
Envolveram-se em *contenda*
O Zé Maria da Cruz
E o Vicente da Tenda...

Houve pancada a granel,
Sopapos, murros a rodos...
Correrias em tropel,
Tiros até, pelos modos...

Apuraram-se as razões
Depois dos queixos partidos...
Zelos, ciúmes, senões
E arrufos de maridos...

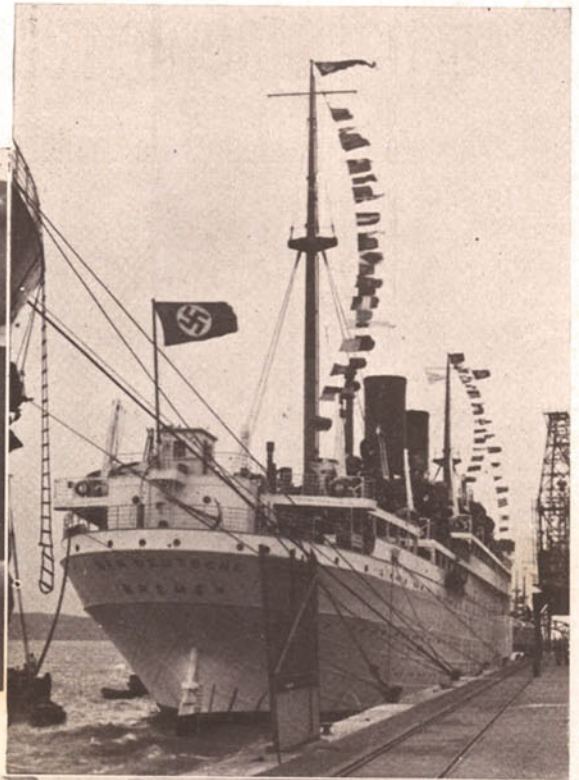
Cada qual patenteava
Da consorte as qualidades...
Dichotes e palra brava
Em honra às caras metades...

As desavenças consomem
Das leis do Mundo a razão...
Será sempre para o Homem:
«*Mulher*» — eterna questão... — 3-2

Lisboa — *Mad Ira*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz Ferreira Baptista, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Quatro mil trabalhadores alemães

passaram por Lisboa num cruzeiro da "Fôrça pela Alegria"

Um dos barcos da excursão acostado ao cais

A caminho da ilha da Madeira passaram por Lisboa 4.000 trabalhadores alemães a quem a organização «Kraft durch Freude» (Fôrça pela Alegria) proporcionou um cruzeiro de férias. Os excursionistas foram recebidos no cais de Alcântara pelo embaixador do seu país, sr. barão de Hoyningen-Hüne e sua esposa, e pelos srs. Berner, delegado da Imprensa Alemã, Moulin Eckard, conselheiro da Legação, Hollberg, consul e numerosos membros da colónia alemã. Um grupo de crianças do Colégio Alemão empunhavam bandeiras com a cruz suástica.

O desembarque foi motivo de grandes manifestações patrioticas, cantando os excursionistas os hinos «Deutschland über alles» e «Horst Wessel». Da excursão faziam parte numerosos jornalistas estrangeiros convidados pelos organizadores. Os visitantes demoraram-se um dia no nosso porto, visitando os principais pontos da capital, segundo um programa inteligentemente elaborado.

Crianças da colonia alemã de Lisboa empunhando distintivos nazis. Em cima, à direita: *Um momento de exuberante entusiasmo. Um dos paquetes da excursão preparando a atracação ao cais, enquanto os passageiros cantam hinos patrioticos, saüdando as pessoas que os aguardavam em terra*

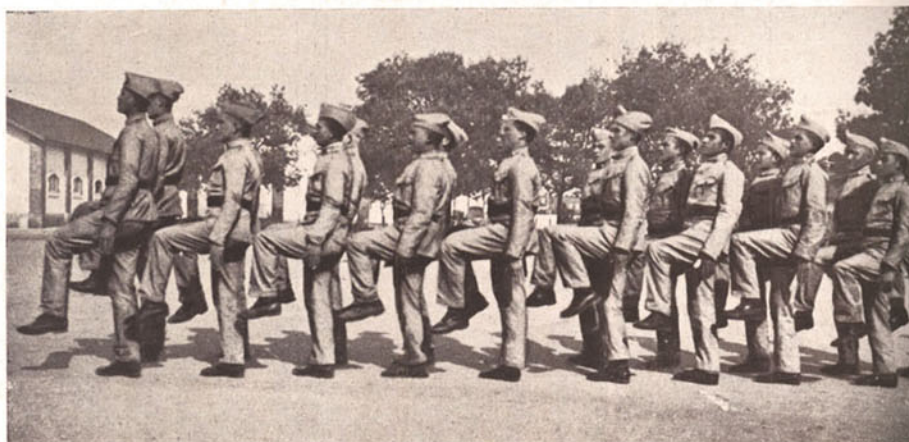
Um grupo da Baviera com seus trajos regionais

Encorporação de recrutas

no Regimento de Sapadores de Caminho de Ferro

ESTÃO encorporados nesta unidade de tradições tão gloriosas 650 recrutas que, apesar do seu característico acanhamento e das saüdades que são próprias daqueles que partem da terra natal, representam bem, pelos seus costumes regionais, um bocadinho de cada uma das oito províncias encantadoras do nosso velho Portugal.

Vai, pois, iniciar-se a instrução com aquela intensidade que é exclusiva desta unidade e que há-de tornar os actuais recrutas em soldados disciplinados e com o aprumo incomparável que sempre tem distinguido os Sapadores de Caminhos de Ferro e que tanto na guerra como na paz conquistam as mais honrosas homenagens.

Segue-se ainda, salvo êrro, nesta preparação militar, a inexcedível orientação do Inspector das Tropas de Comunicação, sr. coronel tirocinado de Engenharia Raúl Esteves, antigo comandante dêste Regimento, que durante o longo tempo de 18 anos

incutiu no espírito dos Sapadores de Caminhos de Ferro a verdadeira noção da disciplina e o acrisolado patriotismo com que sempre se desempenharam das missões que lhes foram impostas.

Cabe-nos aqui também frisar que o sr. coronel de Engenharia Francisco de Brito Cordovil Vaz Coelho, actual comandante, continua a manter bem íntegro o timbre da insígnia dos Sapadores de Caminhos de Ferro.

É para lamentar que o período de instrução seja tão limitado, o que ainda assim não obsta a que se obtenha aquele conjunto harmónico de soldados, conhecido pela "élite„ do nosso Exército, em conseqüência do método perfeito como é ministrada a instrução. E só nestas circunstâncias o nosso espírito pode conceber as elogiosas referências que lhes tem sido atribuídas, quer por nacionais, quer por estrangeiros.

As gravuras que ilustram esta página representam diversos aspectos da metódica e intensiva instrução a que são submetidos os recrutas, e que tem por fim torná-los soldados aptos ao desempenho das obrigações que o serviço e a defesa da pátria lhes impõem. A essa instrução se deve o facto de o Regimento ser citado como um exemplo.

Estamos certos que terminada a sua preparação militar, se a pátria os chamar em sua defesa, êles partirão animados dos sentimentos mais patrióticos, seguindo o nobre exemplo dos Sapadores de Caminhos de Ferro, afim de manterem o nome e o prestígio do Regimento que tem por divisa "SEMPRE FIXE„.

António Soares Cadete
Alferes

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Colonos portugueses

UMA das famílias de colonos que, a bordo do «João Belo» vão a caminho da Africa, onde uma vida de trabalho e prosperidade os espera.

O 48.º aniversário do Asilo-escola António Feliciano de Castilho

A benemérita instituïção do Asilo-escola António Feliciano de Castilho comemorou no dia 15 o 48.º aniversário da sua fundação. A' festa que assinalou essa data assistiram os srs. Presidente da República, ministro da Instrução, general Amilcar Mota, capitão Silva Costa, ajudante do sr. general Carmona, Perry de Lind pelo governador civil de Lisboa, Roque de Arriaga, da Assistência Pública, e delegações de várias casas de assistência.

Quando o Chefe do Estado entrou no salão de festas, o orfeão dos educandos cantou o hino da instituïção. Usou depois da palavra o sr. Zuzarte de Mendonça, presidente da assembleia geral daquela colectividade. Começou por historiar a obra do Asilo-escola e exprimiu depois a sua esperança no auxílio das entidades oficiais. Falou a seguir o sr. dr. Mario Moutinho que traçou o programa de acção em favor dos cegos, aludindo ao muito que nesse sentido já se fez. A encerrar a sessão o sr. Presidente da República entregou ao sr. dr. Assis de Brito as insígnias da Ordem de Benemerência com que acaba de ser agraciado. O Chefe do Estado visitou depois as dependências do Asilo-escola e inaugurou as excelentes instalações do Serviço Oftalmológico, que fica sob a direcção dos srs. drs. Mário e Henrique Moutinho. A gravura que encima estas linhas representa o orfeão do Asilo-escola.

Homenagem ao fundador da Escola de Educação Física do Exército

A Escola de Educação Física do Exército comemorou no dia 13 do mês findo o seu 3.º aniversario e aproveitou a circunstância para prestar homenagem ao seu fundador, sr. general Daniel de Sousa.

A' festa que por êsse motivo se realizou presidiu o sr. general Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa, ladeado pelos srs. dr. Cristiano de Sousa, que representava o ministro da Educação Nacional, engenheiro Nobre Guedes, general Daniel Rodrigues, dr. José Pontes e general Daniel de Sousa.

Abriu a sessão um discurso do sr. coronel Silvão Loureiro, director da Escola, que definiu a função daquele organismo do Estado e as insuficiências materiais com que luta.

Foi depois descerrado um retrato do homenageado, o que deu lugar a uma vibrante ovação da assistência. Num curto discurso o sr. general Daniel de Sousa agradeceu a manifestação que lhe era dispensada, afirmando que durante todo o tempo em que sobraçara a pasta da Guerra teve sempre em vista promover o engrandecimento do Exército, a que tem dedicado tôda a sua vida.

A festa terminou com uma brilhante exibição de exercícios de gimnástica pela classe de crianças da família dos oficiais, dirigida por um aluno do 2.º ano do curso de instrutores, diversas demonstrações pela Secção de Gimnástica e Desportos, «mur» de sabre por um grupo de alunos da Secção de Esgrima, saltos e lançamentos, assaltos de florete e de espada, lição de sabre e exercícios de gimnástica de aplicação militar. As nossas gravuras representam, em cima, o sr. coronel Silvão Loureiro lendo o seu discurso, e em baixo as individualidades que presidiram à festa.

"Infante D. Henrique"

PROSSEGUEM activamente os trabalhos de construção dêste novo barco de guerra que em breve será acrescentado à lista das unidades da nossa Armada e cujo estado de adiantamento se pode verificar pela gravura.

Palavras cruzadas

(Solução)

■	E	L	I	S	A	■	A	P	U	P	O	■
L	■	A	R	A	■	A	■	A	V	O	■	F
I	R	■	A	■	P	I	O	■	A	■	F	A
M	I	L	■	C	O	P	L	A	■	F	E	Z
A	R	■	F	■	S	O	A	■	B	■	L	E
R	■	L	U	Z	■	S	■	P	R	O	■	R
■	F	I	N	A	L	■	T	R	A	P	O	■
A	■	A	I	S	■	F	■	E	Ç	A	■	R
L	E	■	L	■	M	A	L	■	O	■	D	O
A	V	E	■	P	E	R	U	A	■	R	O	L
D	A	■	V	■	L	O	A	■	B	■	M	A
O	■	R	I	A	■	L	■	S	E	M	■	R
■	F	E	R	R	O	■	T	E	M	O	R	■

Bridge

(Problema)

Espadas — D. 7.
Copas — D. 10, 2.
Ouros — D. 10, 5.
Paus — — — —.

Espadas — V. 10, 4, 2. **N** Espadas — — — —.
Copas — — — —. **O E** Copas — 7, 4.
Ouros — R, 6. Ouros — 8, 4, 3, 2.
Paus — V. 3. **S** Paus — 9, 5.

Espadas — R. 9, 8.
Copas — — — —.
Ouros — A. 7.
Paus — A. 7, 2.

Sem trunfo. *S* joga e faz as vasas todas.

(Solução do número anterior)

S joga a Dama de ouros, *O* o Rei de ouros, *N* o Az de ouros e *E* o 4 de ouros.

N joga o Rei de copas e *S* balda-se ao 5 de ouros.

Se *O* não entrasse do Rei de ouros, *S* repetia ouros, fazia o Az de ouros e jogava o Rei de copas de *N*, baldando-se *S* na 1.ª hipótese ao 5 de ouros e na 2.ª ao 9 de ouros.

4.ª vasa — *N* joga o Valete de copas, *E* corta com 10 de espadas, *S* recorta com o Valete de espadas e *O* joga o 7 de copas.

S joga o Az de espadas, baldando-se *N* ao 3 de ouros.

S joga a Dama de espadas e *O* e *E* de qualquer maneira que se baldem não podem defender os seus naipes, fazendo *N* e *S* as outras duas vasas.

Se na 4.ª vasa, *N* joga o Valete de copas e *E* se balda a paus ou ouros, *S* balda-se a ouros.

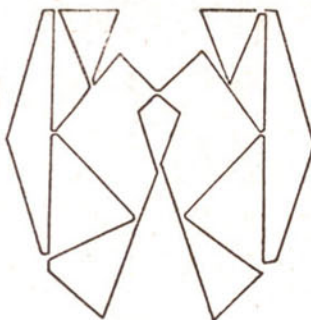
N joga o 3 de ouros que *S* corta com o Valete de espadas e joga o 3 de paus.

Estátuas de alumínio

O monumento alegórico «Navy Memorial» que vai ser erigido em Washington, será de alumínio, o que o não impedirá de pesar um respeitável número de toneladas, porque tem dez metros de altura com uma base de dez metros por sete!

E' o maior, embora não seja o primeiro, dos monumentos comemorativos em alumínio, porque já existe em Chicago uma estátua de nove metros de altura, construida nesse metal leve.

Desenho a traço contínuo

(Solução)

Os cantos foram cortados para melhor se compreender.

Um jejuador real

Entre as curiosas anecdotas que trouxe, da sua estada em Addis-Abéba, o comandante Cigli, o qual foi, durante dois anos, preceptor do segundo filho do Négus, o duque Harrar, figura a seguinte:

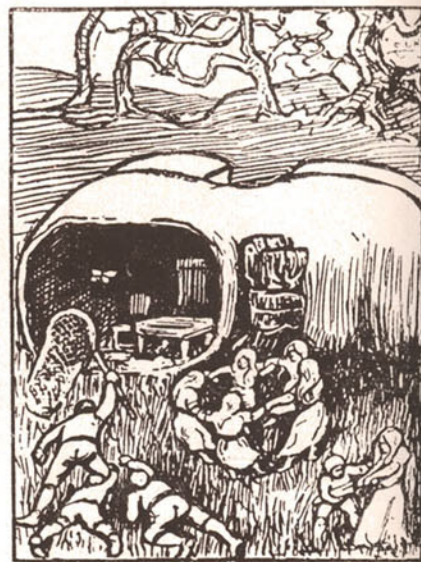
O rei dos reis, sob uma aparencia fraca, possue uma prodigiosa resistencia física. E é fácil avaliá-la, ao saber-se que Haïlé Selassié, na qualidade de soberano dum antigo Estado católico, sujeita-se a jejuar 265 dias por ano, conforme o preceito da religião copta.

Por outra, o Négus só come um dia em cada três dias!

É quási a greve voluntária da fome!...

Familias parlamentares

Existem em Inglaterra, grandes familias parlamentares, isto é, nas quais vários membros têm feito ao mesmo tempo, parte do Parlamento Británico, Por exemplo: os srs. Mac Donald, pai e filho; Mr. Lloyd George, seu filho major Lloyd George, sua filha Megan, e seu cunhado. Estes quatro formam, mesmo, o grupo Lloyd George. Leva ainda a palma a todos estes, Lady Astor que entrou no Parlamento com seu filho, seu cunhado o major Astor, seu genro e seu sobrinho. Menos ambiciosa, porém, que o antigo primeiro ministro, Lady Astor não formou grupo.

Num sapato

Num conto inglês para crianças, diz-se que era uma vez uma velha que morava num sapato. O sapato está aqui, mas que é feito da velha? Também a hão de vêr se procurarem bem.

O cão pianista

Um oficial da polícia de Sydney, mr. Ferguson, possúe um cão que, segundo consta, sabe tocar piano correctamente. A uma palavra do dono, o cão, Bonzer se chama êle, salta para cima do banco do piano e toca uma música com ambas as patas. Se mr. Ferguson colocar dez objectos no chão e retirar quatro, Bonzer indicará, ladrando, quantos ficaram.

— Olha, a mamã já veio para casa e esqueceu-se de trazer os bolos, por isso não valeu a pena termos deixado de fazer maldades hoje.

(Do «Punch»).

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

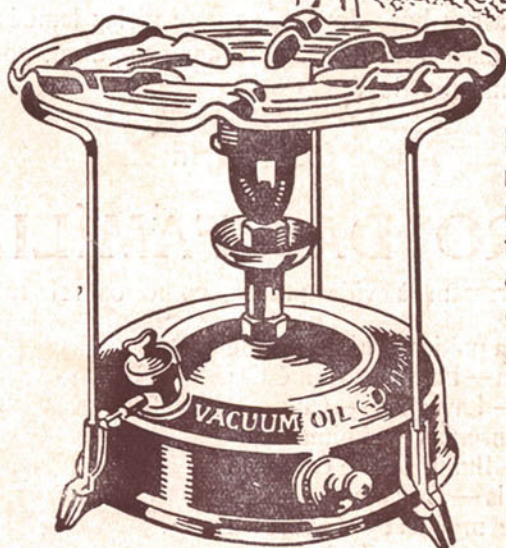
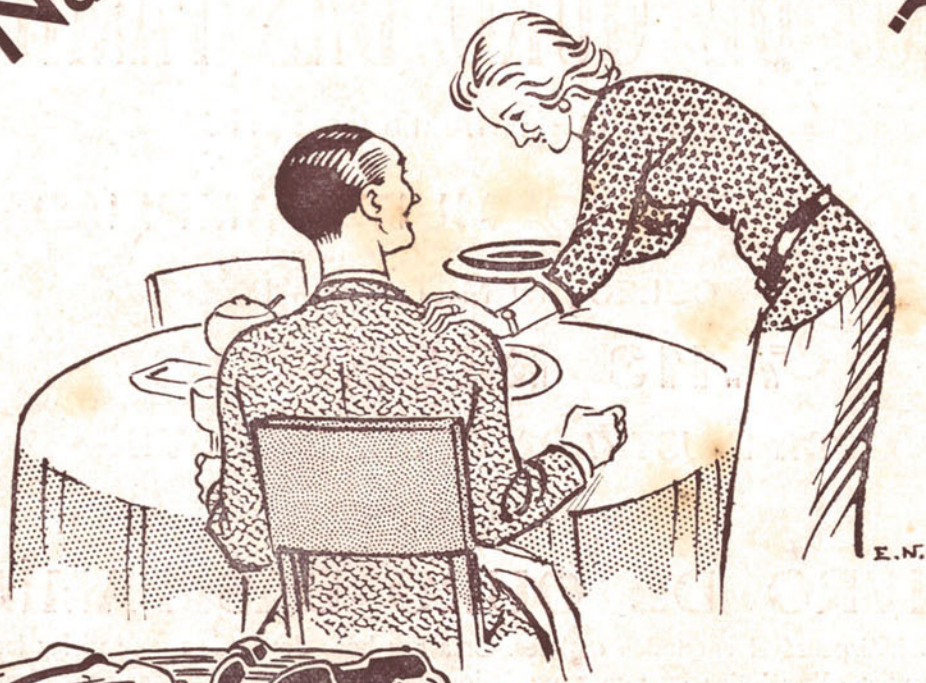
Encontra-se à venda a 5.ª edição desta obra admiravel

PÁTRIA PORTUGUESA

Obra louvada em portaria do Govêrno de 20 de Dezembro de 1913
e aprovada para prémios escolares por despacho ministerial de 23 de Julho de 1914

Capa a côres de ALBERTO DE SOUSA

1 vol. de 336 págs., broch., **Esc. 12$50** — *Pelo correio à cobrança* **Esc. 14$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Não te dizia que com o Fogareiro Vacuum te faria o almôço num instante ?!... Aqui tens o teu bife com ovos... São muito cómodos estes fogareiros; não gastam quási petróleo nenhum! ...O café ficou a aquecer...

Se V. Ex.ª quizer um Fogareiro Vacuum feito em Portugal, peça o VACUUM N.º 2

VACUUM OIL

FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO SUNFLOWER